



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

Ana Laura Donegá

**Novo Correio de Modas (1852-1854): a prosa ficcional na moda e a
moda na prosa ficcional**

CAMPINAS

2009

Ana Laura Donegá

**Novo Correio de Modas (1852-1854): a prosa ficcional na moda e a
moda na prosa ficcional**

Monografia apresentada ao Instituto de Estudos da
Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas
como requisito parcial para a obtenção do título de
Licenciado em Letras – Português.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Márcia Azevedo de Abreu

CAMPINAS

2009

À minha família, minha base e minha força.

Agradecimentos

Aproveito para manifestar minha gratidão àqueles que auxiliaram na realização dessa pesquisa.

Agradeço, em especial, à Prof^a. Dr^a. Márcia Azevedo de Abreu, que tem me acompanhado, sempre gentil e solícita, ao longo desses três anos.

Aos demais pesquisadores do projeto “Caminhos do Romance”.

À Prof^a. Dr^a. Orna Messer Levin.

Aos funcionários do Arquivo Edgard Leuenroth.

Às minhas amigas Débora Cristina Bondance Rocha, Lara Medeiros Borges Pereira, Daniele Crepaldi Carvalho e Bruna Grasiela da Silva, pela leitura das versões iniciais e pela companhia em todos os momentos.

Resumo

Esta pesquisa, vinculada ao projeto temático FAPESP “Caminhos do Romance no Brasil: séculos XVIII e XIX”, procura investigar parte da história da leitura de narrativas ficcionais, tomando como base o *Novo Correio de Modas*. Esse periódico, impresso no Rio de Janeiro, entre os anos de 1852 e 1854, pelos irmãos Edward e Heinrich Laemmert, circulou tanto na capital quanto no interior do país, já que era distribuído para outras províncias. Entre seus colaboradores, estavam muitos letrados da época, como Joaquim Norberto e Augusto Emílio Zaluar. De amplo repertório temático, a revista veiculou matérias sobre diversos assuntos, tais como moda, beleza, poesias, economia doméstica, viagens, recordações históricas, crônicas e adivinhações. A diversidade temática se manifestou igualmente nas narrativas ficcionais, que trataram de temas como o casamento, a necessidade de obediência aos pais, a importância da participação paterna na educação dos filhos e de outras questões relevantes para a defesa da instituição familiar. Essas narrativas apresentaram ainda outras características da sociedade oitocentista fluminense, como, por exemplo, a naturalização da relação entre senhores e escravos.

Palavras-chave: narrativas ficcionais; imprensa do século XIX; Laemmert

Abstract

This research linked to the project “Ways of Romance in Brazil: the eighteenth and nineteenth centuries” investigates the publication of fictional stories, on *Novo Correio de Modas*. This journal, printed in Rio de Janeiro between the years 1852 and 1854, by Edward and Heinrich Laemmert, circulated widely in Brazil, since it was distributed both the capital and provinces. Among his collaborators were many scholars of the time, as Joaquim Norberto and Augusto Emilio Zaluar. The magazine published articles on various subjects such as fashion, beauty, poetry, home economics, travel, historical memories, stories and riddles. The thematic diversity is also expressed in fictional stories, which deal with issues such as the importance of marriage, of obeying the parents and of paternal participation in childrearing - relevant issues to the defense of family. These narratives also showed other features of nineteenth-century society as the naturalization of masters and slaves relationship.

Keywords: fictional stories; nineteenth press; Laemmert

Sumário

Introdução	01
Capítulo I: O Rio de Janeiro de 1850	
I. 1. Uma corte civilizada.....	04
I. 2. O comércio livreiro.....	05
I. 3. Os irmãos Laemmert.....	09
Capítulo II: O Novo Correio de Modas	
II. 1. Uma revista para todos os gostos.....	14
II. 2. As narrativas publicadas pelo periódico.....	23
II. 3. Um espaço para críticas.....	33
Considerações finais	34
Bibliografia	36
Anexos	38

Introdução

Gostaria primeiramente de relembrar a trajetória dessa pesquisa, no intuito de justificar a escolha da abordagem desse assunto em minha monografia e de apresentar tanto as origens quanto os processos de meu trabalho. Entre agosto de 2007 e abril de 2009, sob supervisão da Prof^ª. Dr^ª. Márcia Azevedo de Abreu, realizei um estudo que tomou como base o periódico Diário do Rio de Janeiro.¹ Nosso objetivo, naquele momento, era identificar os romances em circulação durante a primeira metade do século XIX na corte brasileira, as formas de comercialização desse gênero e sua recepção pelo público leitor. Para tanto, empreendi junto a mais duas colegas uma leitura atenta e cabal desse importante jornal carioca, entre os anos de 1821 a 1850, a fim de identificar matérias com informações pertinentes e relevantes aos nossos propósitos. Nessa etapa, selecionamos anúncios de livrarias – que divulgaram a relação de obras disponíveis em seu acervo –, notas de indivíduos – que noticiaram a procura ou a venda de determinados romances – e reclames sobre leilões de livros, bibliotecas e gabinetes de leitura. Embora tenhamos buscado igualmente por críticas ao gênero produzidas por especialistas na área, ou mesmo por leitores comuns, essas não foram localizadas.

A análise dos dados recolhidos permitiu que constatássemos determinadas características do comércio livreiro do Oitocentos (como a presença tanto de brasileiros quanto de estrangeiros na venda e publicação de romances) e acompanhássemos certas alterações que ocorreram nesse negócio ao longo dos anos contemplados por nossa pesquisa (como o espaço cada vez maior dedicado aos folhetins, sobretudo aos de origem francesa). Possibilitou também que conhecêssemos algumas das obras de maior circulação, os livreiros e editores que se destacaram nesse negócio e as estratégias por eles empregadas para atrair os consumidores (em especial, o destaque ao conteúdo moral e à materialidade desses produtos).

Durante a realização dessa pesquisa, chamou minha atenção a participação efetiva dos irmãos Edward e Heinrich Laemmert (mais conhecidos como Eduardo e Henrique Laemmert) no campo literário, uma visão diferenciada da indicada pela bibliografia sobre os dois tipógrafos. Observando os documentos encontrados no Arquivo Edgard Leuenroth, descobri que os irmãos Laemmert se dedicaram à

¹ A pesquisa, intitulada “Romance e Imprensa Periódico no Rio de Janeiro Oitocentista – Diário do Rio de Janeiro”, contou com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

editoração de duas revistas especialmente consagradas às narrativas ficcionais: o *Correio das Moças* (1837-1838) e o *Novo Correio de Modas* (1852-1854). Uma leitura pouco aprofundada da primeira revelou a presença de grandes personalidades do círculo literário nacional, como Gonçalves de Magalhães e Martins Pena, entre seus colaboradores, bem como o destaque nas produções brasileiras. Em contrapartida, a segunda revista veiculou sobretudo narrativas estrangeiras, sendo as brasileiras relegadas para plano inferior. A distinção entre as duas publicações, embora fossem produtos de uma única tipografia, me levou a considerar que talvez o *Correio das Moças* e o *Novo Correio de Modas* expressassem momentos diferentes da história da literatura brasileira, o que motivou meu interesse pelo estudo dos periódicos mencionados.

As duas revistas em questão foram importantes difusoras de obras de ficção, por publicá-las em períodos de efervescência cultural no Rio de Janeiro. Dessa forma, o exame detalhado de ambas pode trazer informações relevantes para a compreensão da circulação da prosa ficcional na corte brasileira em meados do XIX. Além disso, o *Correio das Moças* e o *Novo Correio de Modas* apontam para a existência de publicações voltadas à prosa de ficção pela tipografia dos Laemmert, cujo trabalho no comércio de obras de literatura geralmente não é destacado.

Escolhi iniciar minha pesquisa partindo da análise da segunda revista², devido ao fato desta possuir maior variedade temática, o que fica evidente tanto nas matérias, quanto nos textos em prosa de ficção expostos em seu interior. A pesquisadora Elisa Maria Verona, em sua dissertação de mestrado³, utilizou entre outras fontes (como romances brasileiros e documentos médicos) as crônicas do *Novo Correio de Modas* para estudar o papel da mulher nessa sociedade. Sua análise, no entanto, não envolveu as narrativas ficcionais divulgadas por esse periódico, ainda que esses textos também permitam que se visualize o espaço social reservado aos indivíduos desse sexo. Gilda de Melo e Souza, em seu trabalho sobre a moda do século XIX⁴, recolheu exemplos de figurinos exibidos por esse periódico para sua análise sociológica dos vestuários femininos e masculinos da época. No entanto, a pesquisadora não se estendeu à prosa ficcional da revista. Assim, embora o periódico tenha sido observado em estudos

² Pretendo dar continuidade à minha pesquisa, agora na pós-graduação, contemplando tanto o *Correio das Moças* quanto o *Novo Correio de Modas* em minha análise.

³ VERONA, Elisa Maria. *Da feminilidade oitocentista*. Dissertação de mestrado. Franca, 2007.

⁴ SOUZA, Gilda de Mello. *O espírito das roupas: a moda no século dezenove*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

anteriores, como os de Verona e de Melo e Souza, nenhum autor voltou seu interesse para as narrativas por ele publicadas, o que justifica a relevância de minha pesquisa.

Meu objetivo com essa monografia é apresentar o Novo Correio de Modas e investigar parte da história da leitura de narrativas ficcionais partindo dos textos veiculados pela revista em questão. Organizei meu texto da seguinte forma: inicialmente discorro acerca do contexto histórico, numa tentativa de compreender alguns aspectos da sociedade desse período com os quais a revista poderia ter dialogado. Procuo, assim, realizar uma observação menos anacrônica, ao reportar questões relativas ao momento de publicação e considerá-los em minha análise. Em seguida, descrevo as seções da revista, destacando a multiplicidade de assuntos presentes em suas páginas. Por fim, trato das narrativas ficcionais apresentadas em seu interior, focando, sobretudo, nos assuntos retratados por esses textos. A atenção ao conteúdo temático se justifica diante da constatação de que eles corroboraram os objetivos dessa publicação, trabalhando no sentido de garantir a diversão, a instrução e, sobretudo, a edificação dos leitores.

1. O Rio de Janeiro de 1850

1.1. Uma corte civilizada

No Brasil Oitocentista, a necessidade de encontrar uma imagem própria para o país, distante das lembranças da era colonial e capaz de afirmar a recém conquistada autonomia política, engendrou um movimento duplo de denegação da filiação à antiga metrópole portuguesa e de abertura às influências europeias, sobretudo francesas.⁵

Segundo Pinto, a preferência por essa matriz decorreu de três fatores: 1) parca participação francesa no processo de colonização; 2) isenção de um programa de dominação econômica e 3) existência de um imaginário que ligava duas sociedades utópicas, representando uma o passado – as tribos indígenas –, e outra o futuro – a resultante da Revolução francesa –, num ilusório modelo de sociedade ideal.⁶ Sandra Vasconcelos acrescentou mais um fator, ao argumentar que a política imperialista da Grã-Bretanha – haja vista a influência por ela exercida para o fim do tráfico negreiro no Brasil – deixou um “travo amargo” nas relações entre os dois países, o que também acabou favorecendo os laços franco-brasileiros.⁷

Em seu famoso artigo “Ensaio sobre a História da Literatura no Brasil”, publicado na revista Niterói, em 1836, Gonçalves de Magalhães designou a França de “mestra” a ser tomada como “guia” pelo nosso país. Essa asserção evidencia a crença, comum a outros letrados do período, de que a conexão com o modelo político e cultural francês permitiria que o Brasil alcançasse o almejado status de nação civilizada e, conseqüentemente, se libertasse do ainda recente passado colonial.⁸

Especialmente durante o segundo reinado, uma série de investimentos foi aplicada no intuito de dotar a capital do Império de um aspecto mais civilizado, segundo os moldes franceses. Nessa época, o processo de urbanização do Rio de Janeiro começou a se solidificar: a corte ganhou ruas calçadas, iluminação a gás, bondes puxados a burros, rede de esgoto e abastecimento domiciliar de água. Modificaram-se

⁵ PINTO, Maria Cecília Queiroz de Moraes. Alencar e a França: perfis. São Paulo: Annablume, 1999, p. 20-21.

⁶ Ibidem. p. 20.

⁷ VASCONCELOS. Sandra Guardini. Formação do Romance Brasileiro: 1808-1860 (Vertentes Inglesas), p. 4. Artigo encontrado em: www.iel.unicamp.br/memoria. Acesso no dia 03 de agosto de 2009.

⁸ Franchetti apontou que, na segunda edição da revista, publicada em 1865, foram suprimidas as passagens nas quais se apresentava a França como espelho para o Brasil. Segundo o pesquisador, nessa época vigorava no país europeu o modelo liberal do governo de Luís Bonaparte. Diante dessa nova situação política, Magalhães (que era visconde, amigo de D. Pedro II e conservador) não via mais com bons olhos uma filiação ao modelo francês. FRANCHETTI, Paulo. Gonçalves de Magalhães e o Romantismo no Brasil. São Paulo: Revista de Letras, jul/dez, 2006, v. 46, n. 2, p. 67-77.

também hábitos e costumes dos cariocas, com a inauguração de diversos espaços que ampliaram as opções de lazer disponíveis à população. Diante da possibilidade de frequentar novos locais, como teatros, bailes, cafés, confeitarias e passeios públicos, “a vida mundana floresce[u], revelando a sociabilidade do povo.”⁹

O próprio imperador participou dessas iniciativas, atuando como mecenas das artes e das ciências: D. Pedro II incentivou o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), oferecendo uma sala do Paço Imperial às reuniões do instituto, destinando prêmios aos melhores trabalhos e, inclusive, presidindo várias sessões. Ademais, o monarca patrocinou projetos de pesquisas de documentos relevantes à história brasileira; estimulou cientistas de diversas áreas; financiou artistas; implementou a Academia Imperial de Belas-Artes e foi figura constante no Colégio Pedro II, com o qual manteve relação estreita, já que, além de investir na reforma do edifício, ele acompanhou seleções de professores, elaborações de currículos, aplicações de testes aos alunos e diversas cerimônias que tiveram lugar na escola.¹⁰

O segundo reinado foi marcado ainda pelo processo de abolição da escravatura. Após a promulgação da Lei Eusébio de Queirós, em 1850, a possibilidade de novas aplicações para o capital antes empregado no comércio de escravos permitiu que inovações técnicas importantes fossem introduzidas no cenário nacional:

começam a aparecer as ferrovias, enquanto a navegação a vapor encurta as distâncias marítimas e permite aumentar o volume das trocas com o exterior e entre as províncias. Pouco depois, é o cabo submarino que liberta a informação externa da subordinação dos paquetes, e o telégrafo une progressivamente as zonas mais próximas do centro.¹¹

Impulsionadas por essas conquistas técnicas, as mudanças desse período atingiram também diversas práticas sociais, garantindo uma sincronia ainda maior com a Europa, inteirando a população sobre os acontecimentos externos e possibilitando o acesso a diversos produtos de consumo importados do Velho Continente.

1.2. O comércio livreiro

⁹ MACHADO, Ubiratan. A vida literária no Brasil durante o romantismo. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 17.

¹⁰ SCHWARCZ, Lilia Moritz. As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 125-157.

¹¹ SODRÉ, Nelson Werneck. História da imprensa no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad, 1999, p. 186.

Dentre os produtos trazidos do continente europeu, havia – é claro – uma especial predileção pelos de origem francesa. Segundo um artigo publicado pelo Novo Correio de Modas, a França era grande fornecedora de materiais para escritório, gravuras, litografias e livros:

Entre os artigos que a França exporta para paizes estrangeiros, distinguem-se em um dos primeiros lugares os livros, musicas, gravuras e objectos de escriptorio. No anno de 1850 o valor destes artigos subio a fr. 23,858,620, constando das parcellas seguintes, a saber:

Livros.....	Fr. 5,736,940
Papel (de impressão, almagão de peso, papeis de luxo, papeterie).....	12,930,670
Gravuras e litographias.....	4,634,806
Musica.....	230,844
Typos.....	352,360
	Somma
	23,858,620 ¹²

O texto transcrito acima indica a importância da exportação de livros para as finanças francesas, visto que eles ocupavam o segundo lugar entre os bens enviados pelo país a outras nações. A respeito da presença desses produtos em território brasileiro, Marisa Lajolo afirmou que “a influência francesa era de tal monta que se pode dizer que a França dominava o mercado de livros no Brasil.”¹³ Esse domínio de obras “made in France” assinalado pela autora pôde ser comprovado em uma pesquisa anterior, na qual analisamos os romances anunciados no Diário do Rio de Janeiro e no Jornal do Commercio, entre 1840 e 1843. Nossos dados revelaram que Aventuras de Telêmaco; História de Gil Braz de Santilhana; Novelas Galantes; Thesouro de meninos; Thesouro de meninas; Mil e huma noites; Aventuras de hum homem de qualidade; Histórias da Tartaria; Diabo coxo; História de Carlos Magno; Bacharel de Salamanca; Amigos e rivaes, ou Henriqueta e Lucia; Carolina de Litchfield, ou Trimpho da virtude – todos de origem francesa – foram os romances mais divulgados nesse período, corroborando assim a influência da França no mercado de livros brasileiros desse período.¹⁴

¹² Fonte: Novo Correio de Modas, 2º. sem. de 1852, n. 2, p. 15. Ao longo desse trabalho, optei por transcrever os textos conforme a ortografia e sintaxe originais.

¹³ LAJOLO, Marisa. Como e por que ler o romance brasileiro. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2004, p. 38.

¹⁴ DONEGÁ, Ana Laura; GAIOLA, Juliana Sagradim. Prosa Ficcional e Imprensa Periódica no Rio de Janeiro Oitocentista. In: 5º. Seminário de Pesquisas da Graduação (SEPEG), Campinas, 2008, p. 155.

Outro testemunho da importância da presença francesa veio do depoimento de Daniel Kidder, um missionário metodista norte-americano que esteve no Brasil nas décadas de 1830 e 1840. Em suas *Reminiscências de viagens e permanências nas províncias do Sul do Brasil*, ele destacou que a preeminência dessas obras era comum tanto em nosso país quanto em Portugal, especialmente devido ao gosto desses dois povos pela leitura de folhetins:

Qualquer novela barata dos folhetins parisienses precisa ser traduzida para surgir em forma de livro em Lisboa e no Rio de Janeiro. Para a matrícula nos institutos superiores de ensino é indispensável o seu conhecimento, aliás bastante generalizado. Daí a procura dos livros franceses em detrimento dos portugueses. Para que o leitor se convença do que afirmamos basta que se dê o trabalho de examinar os mostruários das livrarias e reparar como é grande o estoque de livros franceses. Quase todos os navios procedentes do Havre trazem grandes quantidades de livros para serem vendidos em leilão, sendo bastante freqüentes tais vendas. (...) As obras de Voltaire, Volney e Rousseau quase diariamente são oferecidas aos que fazem maiores lances, e, para eles, há sempre compradores.¹⁵

O consumo de romances pela população brasileira descrito por Daniel Kidder teve um forte crescimento, sobretudo a partir de meados de 1840, devido à ampliação da presença dos folhetins nos rodapés dos periódicos. De acordo com Marlyse Meyer, nessa década, houve “uma febril atividade” nos jornais, coincidindo com o “progressivo alargamento e atualização do consumo de ficção”, principalmente daquela produzida por escritores franceses como Lavergne, Dash, Berthet, Souvestre, Frédéric Soulié e Alexander Dumas.¹⁶

O alargamento e atualização da prosa de ficção, a que se refere a autora, podem ser mais bem compreendidos à luz das transformações sociais vividas por todo o país nesse momento, embora com uma maior intensidade no Rio de Janeiro. Nesse momento de mudança dos meios de produção e circulação de livros, a corte passou “a exhibir alguns dos traços necessários para a formação e fortalecimento de uma sociedade leitora”¹⁷, tais como a existência de tipografias, livrarias, bibliotecas, a ascensão de uma camada social burguesa e a melhora de um sistema de escolarização.

¹⁵ KIDDER, Daniel P. *Reminiscências de viagens e permanências nas províncias do Sul do Brasil* (Rio de Janeiro e Província de São Paulo) compreendendo Notícias históricas e geográficas do Império e das diversas províncias. Trad. de Moacir N. Vasconcelos. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1980, p. 101-106.

¹⁶ MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 283.

¹⁷ LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996, p. 18.

De fato, entre as décadas de 40 e 50, houve um aumento significativo nos espaços destinados à leitura entre os cariocas, como bibliotecas e gabinetes de leitura.¹⁸ Surgiram o Gabinete Português de Leitura, fundado em 1837, por iniciativa de Francisco Eduardo Alves Viana e José Marcelino da Rocha Cabral; e a Biblioteca Fluminense, em 1847, dirigida pelo cônego Fernandes Pinheiro, com mais de 30 mil volumes de obras de ciências, literatura e artes, em português, francês, inglês, espanhol, alemão, italiano e latim.¹⁹ Até mesmo uma das mais antigas bibliotecas do nosso país, a Biblioteca Nacional, inicialmente chamada de Real Bibliotheca²⁰, então sob direção de frei Camilo de Monserrate, passou por modificações, já que começou a renovar sua coleção e a dedicar um espaço especial aos escritores do nosso país.²¹

Nesse momento ainda, alguns comerciantes decidiram investir no crescente comércio livreiro brasileiro. De acordo com Alessandra El Far, durante as décadas de 1840 e 1850, o campo editorial brasileiro foi marcado pelo trabalho de Paula Brito, um “mulato de origem modesta”, que havia aprendido o ofício na Typographia Nacional e no Jornal do Commercio.²² Procurando incentivar a produção de textos de seus compatriotas, impulsionar a vida literária do Brasil e obviamente lucrar com essas produções, Paula Brito imprimiu alguns de nossos primeiros romances, como O Filho do Pescador (1843) e Tardes de um pintor, ou intrigas de um jesuíta (1847), ambos de Teixeira e Souza.²³ Sua livraria era muito famosa na época e funcionava como ponto de encontro da Sociedade Petalógica, onde se reuniam poetas, jornalistas e políticos.²⁴

Ainda na década de 1840, Baptiste Louis Garnier, decidido a dar continuidade aos negócios da família, de longa tradição no comércio livreiro francês,

¹⁸ QUEIROZ, Juliana Maia. A circulação de romances nos catálogos Garnier e Laemmert. XI Encontro Regional da ABRALIC. São Paulo, 2007, p. 1.

¹⁹ LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina, op. cit, p. 181.

²⁰ Para mais informações a respeito da Biblioteca Nacional, conferir: ROCHA, Débora Cristina Bondance. Leitores e leituras na Biblioteca Imperial e Pública do Rio de Janeiro (1833 – 1856). Pesquisa de Iniciação Científica que integra o projeto “Caminhos do Romance no Brasil: séculos XVIII e XIX”. Campinas, FAPESP, 2006-2007.

²¹ A esse respeito, ver: MACHADO, Ubiratan, op. cit, p. 197-215.

²² Fonte: EL FAR, Alessandra. Páginas de Sensação – literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870 - 1924). São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 36.

²³ SILVA, Hebe Cristina. “Teixeira e Souza – A trajetória de um romancista brasileiro em busca da consagração.” In: Trajetórias do Romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX. Márcia Abreu (org.). Campinas: Mercado das Letras, 2008, p. 527-529.

²⁴ Sobre a Sociedade Petalógica e a livraria de Paula Brito, consultar: HALLEWELL, Laurence. O livro no Brasil (sua história). Trad. do inglês Maria da Penha Villalobos e Lolio Lourenço de Oliveira, São Paulo: EDUSP, 1985, p. 80-81.

aportou em território brasileiro e, em 1846, instalou sua livraria no Rio de Janeiro.²⁵ Antes dele, já em 1838, os irmãos alemães Edward e Heinrich Laemmert haviam fundado a sociedade “E. & H. Laemmert, mercadores de livros e de música”, que se tornou famosa pelo Almanaque e as Folhinhas Laemmert, mas responsável também pela publicação de vários periódicos com espaços especialmente reservados para narrativas ficcionais.

1.3. Os irmãos Laemmert

A história dos irmãos no Brasil teve início no ano de 1827, quando Edward Laemmert veio ao país para dirigir, ao lado de um português chamado Souza, a filial de uma livraria dos editores parisienses Boussage e Aillard, que decidiram expandir seus lucros investindo no crescente mercado brasileiro. Seis anos mais tarde, ele abriu seu próprio negócio, a Livraria Universal. Em uma nota publicada no dia 31 de março de 1833, Edward Laemmert inteirou a população fluminense sobre a inauguração de sua loja de livros, aproveitando para divulgar a relação de obras à venda nesse local:

LIVROS À VENDA

Eduardo Laemmert, tem a honra de anunciar a o respeitavel publico, que acaba de abrir sua livraria na rua da Quitanda n. 139, entre a rua do Ouvidor e a do Rozario; acha em sua casa hum grande sortimento de livros em differentes idiomas, sobre commercio, economia politica, jurisprudencia, philosophia, theologia, medicina, cirurgia, pharmacia, mathematica, assim como huma grande collecção de musica moderna para piano, e outros instrumentos, papel e livros de differentes qualidades em branco, e os numeros avulsos dos periodicos publicados nesta Côrte.²⁶

Cinco anos mais tarde, Heinrich Laemmert uniu-se ao irmão e tomou parte no comércio livresco. Juntos fundaram uma sociedade que vigorou até a década de 1870, quando Edward Laemmert desligou-se dessa atividade. Além do trabalho com a venda de livros, os irmãos investiram também na edição e na impressão, práticas adotadas, segundo Alessandra El Far, pelos mais relevantes comerciantes de livros do período.²⁷ Logo no primeiro ano da sociedade, abriram uma tipografia que, para combinar com o nome da livraria, foi chamada de *Typographia Universal*. Ao que tudo

²⁵ HALLEWELL, Laurence, op. cit, p. 127-128 e PINHEIROS, Alexandra. Para além da amenidade: o *Jornal das Famílias* (1863-1878) e sua rede de produção. Tese de doutorado. Campinas: IEL/UNICAMP, 2006, p. 26-50.

²⁶ Fonte: *Jornal do Commercio*, 31 de maio de 1833.

²⁷ EL FAR, Alessandra, op. cit, p. 35.

indica, a atividade tipográfica foi brilhantemente desempenhada pelos Laemmert. De acordo com Laurence Hallewell, já no início de 1860, eles haviam impresso mais de 400 títulos e, em 1909, quando a firma deixou a edição de livros, sua produção totalizava “1.440 trabalhos de autores brasileiros e mais de 400 traduções do inglês, do francês, do alemão e do italiano.” O pesquisador apontou ainda que o trabalho da tipografia parece ter sido responsável pelo aumento do faturamento da empresa, que passou de “6:788\$950, em 1840, para 58:756\$380 em 1850 e 214:511\$702 em 1861.”²⁸

Em 1909, a Livraria Universal declarou sua falência, depois de ter sido tomada por um incêndio, e a editora vendeu os direitos autorais de publicação que detinha para a de Francisco Alves. A tipografia continuou em funcionamento e voltou a editar em 1970, com o nome de Gráfica Laemmert.²⁹

Entre as publicações da *Typographia Universal*, são especialmente conhecidas as Folhinhas de Laemmert e o Almanak administrativo, mercantil e industrial. As primeiras surgiram no ano de 1839, sendo reimpressas e aprimoradas anualmente. Embora Hallewell as tenha definido como “uma miscelânea literária organizada por Eduardo, que contribuiu com muito material de sua própria autoria”³⁰, elas contaram com diversos assuntos, como saúde, direito e história:

– Achão-se à venda na rua da Quitanda, no. 77, as afamadas e bem sortidas

FOLHINHAS DE LAEMMERT PARA 1848,

ornadas com uma nova gravura em aço, representando S M a Imperatriz em figura inteira, e contendo o anno novo, a minuciosa relação da viagem de S. M. na provincia do Rio de Janeiro, a chronica nacional de 1846 – 1847, a chronologia de 1772 – 1790, e exactissimo calendario com todos os seus pertences, dias de gala, audiencias, taboas de sol e da lua, senadores, partidas dos correios, corpo diplomático e consular, genealogia dos principaes soberanos, precedida de augustissima casa imperial etc.

Listas das differentes folhinhas sendo que todas tambem contem no principio as materias acima especificadas, a saber:

1º. Folhinha Biographica da historia de Napoleão.

2º. Folhinha de Cupido, com o Diccionario de Bom Gosto, em verso, ou nova genuina da linguagem das flores, fructos etc.

3º. Folhinha Dramatica contendo a comedia o Desertor, e o drama Lapeyrouse, para leituras e representação.

4º. Folhinha de Pilherias, anedoctas e casos galantes.

5º. Folhinha do Trovador, em um novo almanak poetico.

²⁸ HALLEWELL, Laurence, op. cit, p. 163.

²⁹ Fontes: EL FAR, Alessandra, op. cit, p. 28-43. HALLEWELL, Laurence, op. cit, p. 160-175. PAIXÃO, Fernando (projeto e coordenação geral). Momentos do livro no Brasil. São Paulo: Editora Ática, 1995, p. 14-20.

³⁰ HALLEWELL, Laurence, op. cit, p. 163.

6°. Folhinha da Saude, com tratado sobre o onanismo etc.
7°. Folhinha Romantica, com romances e novellas.
8°. Folhinha com a Historia do Brasil.
9°. Folhinha Lusitana. 10. Das Damas. 11. De Segredo. 12. Historia.
13. Constitucional. 14. Judiciaria. 15. De justiça. 16. Do Sabio. 17. De Historia natural. 18. Das flores. 19. Dos sonhos. 20. De Jogos.
A reputação que com a experiencia de nove annos adquirirão novas variadas folhinhas nos forra ao trabalho de as recommendar. Qualquer porção vae sortida das differentes qualidades acima relatadas, e acompanhada de um virtuoso cartaz. Cada folhinha custa 280rs.; a quem levar porção far se ha um abatimento.³¹

O anúncio destaca não apenas a pluralidade temática das Folhinhas de Laemmert, como também comprova o prestígio dessa obra e indica as estratégias empregadas pelos editores para atrair clientes, visto que eles ofereceram um abatimento no preço caso o comprador – provavelmente interessado na revenda – levasse mais de um exemplar.

A impressão de folhinhas anuais não foi uma invenção de Edward e Heinrich Laemmert. Essa prática era comum desde pelo menos o ano de 1825, quando R. Ogier deu início a essas publicações.³² Os irmãos aprimoraram o material, inserindo maior multiplicidade de assuntos, o que talvez tenha garantido o interesse de um público mais amplo e assegurado a longa duração das Folhinhas de Laemmert. (ver anexo 1).

Já o Almanak administrativo, mercantil e industrial da corte e da provincia do Rio de Janeiro foi, segundo El Far, a mais importante publicação da Typographia Universal.³³ O material, “ornado com um primoroso retrato do Imperador”, continha “todas as repartições publicas, companhias, sociedades”, “uma lista dos principais advogados, medicos, negociantes de todas as classes e denominações, artistas, fabricantes, officiaes de todos os generos, com suas respectivas moradas na côrte”, além dos “principaes estabelecimentos da lavoura, fabricantes etc., da provincia do Rio de Janeiro”.³⁴

³¹ Fonte: Diário do Rio de Janeiro, 10 de dezembro de 1847.

³² No Diário do Rio de Janeiro de 23 de julho de 1840, encontra-se o seguinte anúncio: “Folhinhas de Ogier para o ano de 1842. Estas folhinhas já são conhecidas ha 16 annos, por suas materias uteis, e variadas, que he desnecessario recommenda-las ao publico. Achão-se á venda na typ. e livraria dos editores, ruas do Rozario n. 84, e Hospício n. 51.”

³³ EL FAR, Alessandra, op. cit, p. 43. De acordo com Laurence Hallewell, mais do que a principal publicação, o Almanak foi responsável pela fundação da Typographia Universal: “a razão pela qual Laemmert, (...) insistia em manter uma oficina tipográfica tão grande certamente estava ligada ao Almanack. Imprimi-lo em casa assegurava a pronta publicação em cada edição anual, com a possibilidade de revisão até o último momento de sua produção”. HALLEWELL, Laurence, op. cit, p. 164.

³⁴ Fonte: Diário do Rio de Janeiro, 01 de dezembro de 1846.

Um artigo publicado no Diário do Rio de Janeiro, em 1846, assinala a qualidade e a boa acolhida dessa obra. Aponta ainda para a importância da impressão de um guia com dados sobre o comércio e a indústria, ressaltando que outros editores falharam em tal empreendimento:

BIBLIOGRAPHIA

ALMANAK administrativo, mercantil e industrial para 1847

Publicarão os Srs. Eduardo e Henrique Laemmert o quarto anno do seu Almanak e é forçoso confessar que esta empresa, em que os Srs. Laemmert entrarão sós, desajudados de qualquer auxílio, tem hoje chegado a grande exactidão e perfeição.

Diversas vezes se tem tentado a publicação do Almanak no Brasil, que a final não poderão continuar: era necessario ter perseverança e coragem para contar todos os embaraços, lutar com elles e superal-os. Os Srs. Laemmert a tiverão, e já vão no 4º. Anno da sua publicação.

Não há necessidade de demonstrar o que todos sabem – a utilidade dos Almanaks. Em livros taes não ha só o interesse do momento: geralmente são elles deposito de estatisticas importantes e curiosas, instructivas e que podem ser base de trabalhos externos e proveitosos, que não colligidos a tempo, perdem-se e com prejuizo.

Damos parabens aos Sr. Laemmert pela contancia com que tem progredido n'este trabalho, e auguramos para o seu Almanak estabilidade e apoio do publico, si, como é de esperar, continuarem a esforçar-se como se esforçarão para a redação e coordenação d'este 4o. volume.³⁵

A constância da publicação desse material, que foi impresso anualmente entre 1844 e 1889³⁶, indica que havia grande demanda por esses almanaques. Já em 1838, os próprios Laemmert anunciaram a venda do Almanak geral do imperio do Brazil e de seu Appendice, provavelmente uma obra de outros tipógrafos, visto que, segundo o reclame, se tratava de uma impressão datada de 1836, época em que os irmãos ainda não tinham iniciado suas atividades gráficas.³⁷

Talvez a iniciativa em editar seu próprio almanaque, no ano seguinte, tenha surgido diante da constatação de que havia um público amplo e estável para essa publicação. No intuito de garantir a preferência dos clientes, os irmãos trataram mais uma vez de apurar esse material, tornando-o mais completo que os demais. Logo

³⁵ Fonte: Diário do Rio de Janeiro 02 de janeiro de 1846.

³⁶ LIMEIRA, Aline de Moraes. Práticas educativas e publicidade: a iniciativa privada no Almanak Laemmert. In: IV Congresso Brasileiro de Historia da Educação: a educação e seus sujeitos na Historia. Goiânia: IV Congresso Brasileiro de Historia da Educação: a educação e seus sujeitos na História, 2006, p. 1.

³⁷ Fonte: Idem, 05 e 23 de fevereiro de 1838.

“cobri[a] notícias de todo o Império e, em 1875 saiu com nada menos do que 1700 páginas.”³⁸

Embora tenham ocupado um papel importante dentre as publicações, As Folhinhas e o Almanak Laemmert não foram as únicas obras impressas pela Typographia Universal. Acerca da atividade editorial desempenhada pelos irmãos, Alessandra El Far afirmou que, diante da disputa com Garnier, os Laemmert tiveram que delimitar campos específicos para suas impressões:

Desde a instauração do processo de impressão no país, dificilmente dois ou mais editores alcançaram êxito ao mesmo tempo. A história da edição no século XIX no Brasil – marcada pela sucessão de nomes como Pedro Plancher, Paula Brito, B. L. Garnier, os irmãos Laemmert e, mais tarde, Francisco Alves – indica que o restrito mercado editorial brasileiro, mostrava suas brechas apenas quando algum empresário entrava em visível processo de paralisia ou decadência. Quando atuavam simultaneamente, como foi o caso de Garnier e Laemmert, os editores selecionavam um terreno aparentemente estável, delimitando áreas distintas de interesse para evitar a concorrência direta e a disputa pelos leitores de igual predileção.³⁹

Segundo a pesquisadora, para garantir o sucesso das vendas, a Typographia Universal e a Editora Garnier procuraram não competir diretamente, dando enfoque diferenciado aos impressos, sendo que o interesse dos irmãos recaiu sobre “a história e a ciência séria”, enquanto Garnier se especializou na edição de livros escolares e de obras literárias de escritores brasileiros e franceses.⁴⁰ Para El Far, apenas após a morte de Garnier, na década de 1890, a editora dirigida pelos irmãos dedicou um espaço maior à literatura nacional ou estrangeira:

A Notícia, de 15 de outubro de 1896, anunciava, por exemplo, a Coleção Economica: romances dos melhores autores em volumes de 240 a 320 páginas, criada pela Laemmert, parceria com a livraria portuguesa de A. M. Pereira. Fariam parte dessa série traduções de Maupassant, Ohnet, Zola, Daudet, entre outros escritores de prestígio internacional. Além disso, na busca de um mercado maior a Laemmert lançaria alguns títulos “picantes” tais como Pimentões (1897), de Puff&Puck (Olavo Bilac e Guimarães Passos), Álbum de Caliban (1898), de Coelho Neto e, já no século XX, os Casos alegres (1905), de Pedro Rabelo.⁴¹

³⁸ PAIXÃO, Fernando (projeto e coordenação geral). Momentos do livro no Brasil. São Paulo: Editora Ática, 1995, p. 14.

³⁹ EL FAR, Alessandra, op. cit, p. 41.

⁴⁰ Ibidem. p. 40.

⁴¹ Ibidem. p. 40-41. Vale mencionar que Hallewell discorda da opinião da pesquisadora, pois afirma que, após a morte de Louis Baptiste Garnier, “a principal editora brasileira, no campo da literatura na década

No entanto, o interesse dos Laemmert por romances nacionais ou pela tradução de ficção estrangeira parece vir de muito antes da década de 1890. Entre os anos de 1847 e 1848, os irmãos doaram ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro uma coleção de 78 volumes composta por obras talvez publicadas por sua tipografia. Entre elas, estavam *Os Lusíadas*, de Camões, *Marília de Dirceu*, de Tomás Antônio Gonzaga, e os romances *Paulo e Virgínia* de Bernardin de Saint-Pierre, *Werther*, de Goethe, *Tesouro de meninos* e *Tesouro de meninas*.⁴²

Embora os Laemmert não tenham ameaçado o domínio de Garnier na publicação de obras literárias, não deixa de ser significativo o fato de que eles tenham se responsabilizado pela edição de diversos periódicos nos quais a prosa de ficção ocupava um local de grande destaque. Revistas como o *Correio das Moças* (1838-1839), o *Museu Pittoresco, histórico e litterario* (1848-?) e *Novo Correio de Modas* (1852-1854) sugerem um contato maior com a literatura do que o comumente atribuído a eles por pesquisadores como El Far e Hallewell.

2. O Novo Correio de Modas

2.1. Uma revista para todos os gostos

O *Novo Correio de Modas* foi impresso semanalmente, entre os anos de 1852 a 1854, tendo circulado tanto na capital quanto no interior do país, pois era distribuído também para outras províncias. A revista dialogou com uma série de publicações estrangeiras desse período, extraindo textos de jornais como *Revue et gazette musicale de Paris*, *Novo Panorama*, *A esperança*, *Revista britânica*, *Lanterne Magique*, *Albany's weekly messenger*, *Ilustração espanhola* e *Illustration*. Embora mencionasse vez ou outra a procedência de seus artigos, raramente informou sua autoria, apresentando simples abreviações e pseudônimos no local da assinatura. Mesmo assim, foi possível notar a participação de muitos letrados da época, como Joaquim Norberto, Gonçalves Dias Augusto e Emílio Zaluar, entre os colaboradores desse periódico. É provável que o periódico fosse dirigido a classes abastadas, já que sua assinatura custava 12\$000rs por ano, ou 7\$000rs por semestre.⁴³

de 1890 foi (...) a Livraria Moderna, de Domingos Magalhães e Companhia”. HALLEWELL, Laurence, op. cit, p. 166.

⁴² LAJOLO, Marisa, ZILBERMAN, Regina, op. cit, p. 181.

⁴³ A revista não veiculou anúncios, o que demonstra que se sustentava apenas com a venda de seus números e aponta para um provável bom êxito editorial.

O subtítulo da revista – novelas, poesias, viagens, recordações históricas, anedotas e charadas – coloca em evidência a pluralidade de assuntos contemplados, provavelmente resultado da preocupação em agradar leitores de todos os gostos. Apesar de contar com um amplo repertório temático, havia certa predileção por matérias sobre moda e literatura, questões que desfrutaram de posição de destaque no interior do periódico. Esses temas ocuparam a maior parte da revista, sendo ainda responsáveis pelas seções de abertura e conclusão, já que cada número era iniciado com uma narrativa ficcional e concluído com a exposição de um modelo de vestimenta. (ver anexos 2 e 3).

Na seção **Modas**, um espaço reservado às tendências e novidades de vestuário, os redatores do Novo Correio de Modas apresentaram e descreveram, detalhadamente, figurinos, moldes e debuxos de bordados para ambos os sexos. Esses modelos foram copiados de pranchas de moda provenientes da Europa, sobretudo da França, e trazidos ao nosso país pelos paquetes. Costumava-se destacar a origem francesa do modelo, como meio de apontar seu refinamento e garantir sua qualidade:

Nossa primeira estampa representa dous figurinos de senhoras, qual delles o mais bonito. De Paris os recebemos, e aqui os entregamos ás nossas amáveis leitoras, para que aproveitem o que julguem mais distingué, afim de formar o bello composto de seus toilettes.

A moça que se vê de pé em nossa gravura, veste uma toilette das mais elegantes de Paris.

Já que brindámos as nossas amáveis leitoras com tão bellos figurinos modernos, cumpre não dar motivos de queixa aos nossos jovens elegantes, acostumados a recorrer ao nosso Correio como seu Monitor do bom gosto, e por isso na presente estampa lhes offerecemos tres cavalheiros vestidos segundo a ultima moda de Paris.

Eis aqui trajes para homens, que mais recentemente se usão em Paris.⁴⁴

Em *A roupa e a moda: uma história concisa*, Laver afirmou que o domínio da moda francesa vinha desde os últimos vinte anos do século XVII, quando o prestígio da corte de Versalhes permitiu que ela passasse a ditar as tendências de vestuário.

⁴⁴ Novo Correio de Modas, 1º sem. de 1852, n. 1, p. 1; 1º sem. de 1853, n. 22, p. 8; 2º sem. de 1853, n. 19, p. 8 e 2º sem. de 1853, n. 13, p. 8, respectivamente.

Segundo o autor, “daí em diante, roupas elegantes significavam, pelo menos para as classes altas, roupas francesas.”⁴⁵

Entretanto, a diferença climática impedia os brasileiros de seguirem à risca a moda francesa. Diante dessa situação, os redatores foram obrigados a interferir, aconselhando a utilização de tecidos mais leves e outros acessórios adequados a um país tropical:

Neste paiz onde um parisiense de balde procuraria essa quadra em que o gêlo veste de branco as árvores que bordão as margens do Sena, as modas não podem seguir ao pé da letra os caprichosos decretos da capital do mundo elegante. Os chapéus de velludo, que abundão em Paris, são quasi uma anomalia entre nós, aonde o frio desaparece ás horas em que nossas bellas se levantão de seus leitos: os vestidos de pesados estôfos também os não precisamos. Fazendas ligeiras, transparentes, são as que mais se casão com o nosso clima, e vão melhor nos corpos flexiveis de nossas compatriotas. Os vestidos taffetas não deixam também de merecer aceitação neste momento, sobretudo sendo de largos xadrezes e guarnecidos de tres ou quatro ordens de babados.⁴⁶

Os modelos femininos trouxeram a assinatura de Annais Toudouze, enquanto os masculinos foram retirados, em sua maioria, do *Journal de Tailleurs*. Estes últimos figuraram em um número significativamente menor em relação aos primeiros, pois a revista privilegiou a exposição de trajes voltados às suas amáveis leitoras. De acordo com Gilda de Mello e Souza, o destaque à moda feminina nesse período pode ser justificado pelo que designa como “necessidade de agradar” desse sexo.⁴⁷ Tendo, na maioria das vezes, como única oportunidade de realização e único objetivo de vida o casamento, as mulheres lançaram mão de todos os recursos disponíveis para seduzir o sexo oposto e conquistar um marido. Dentre essas armas femininas, estavam a música, a dança e, é claro, a moda; instrumento usado para chamar a atenção para certas partes do corpo e acentuar as características sexuais. Para a pesquisadora, o ócio feminino também ajuda a compreender a dedicação desse sexo em acompanhar as novidades de vestuário, porque impossibilitadas de trabalhar e de desfrutar de uma vida social variada

⁴⁵ LAYER, James. *A roupa e a moda: uma história concisa*. Trad.: Glória Maria de Mello Carvalho. São Paulo: Companhia das Letras, 1980, p. 127.

⁴⁶ *Novo Correio de Modas*, 2º sem. de 1853, n. 1, p. 8.

⁴⁷ SOUZA, Gilda de Mello. *O espírito das roupas: a moda no século dezenove*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 92.

como os homens, as mulheres das classes abastadas do século XIX dedicaram-se a esse assunto para passar o tempo livre.⁴⁸

Ao longo de seus três anos de duração, o Novo Correio de Modas trouxe diversos modelos femininos para as mais variadas ocasiões: toilettes de passeio, costumes para noiva e baile de bodas, vestidos de manhã, de visitas, de cavalgar, para o baile ou soirée, o cassino, o teatro, a ópera, o campo etc. Os modelos para homens não contaram com a mesma multiplicidade, talvez em decorrência da maior simplicidade da indumentária masculina quando comparada à feminina. Segundo a já mencionada autora de *O espírito das roupas: a moda no século dezenove*, na época, enquanto o vestuário para mulheres era composto por inúmeros detalhes – como babados, rendas, bordados, fitas – e marcado pela presença de tecidos coloridos – com estampas vivas, floridas, listradas e xadrezes, numa combinação por vezes contrastante –, a moda masculina caracterizava-se por uma menor complexidade.

Quanto à cor, as poucas tonalidades claras usadas em roupas masculinas eram empregadas principalmente nas calças e nos coletes, já que cores escuras imperavam na parte superior da indumentária (nas sobrecasacas e nos chapéus). Conforme destaca Harvey, “todas as cores vivas haviam desaparecido sem deixar lembrança, o tom era escuro, a cor dominante o preto.”⁴⁹ O autor apontou que a partir de 1840 iniciou-se, sob influência dos românticos, a moda do preto, cobrindo os homens numa “espécie de luto elegante e, como resultado, o século XIX parece um funeral”, enquanto isso, as mulheres abusavam das cores alegres e do branco.⁵⁰

Apesar de ser um dos assuntos principais do periódico, nota-se certa apreensão dos redatores com a escrita de uma seção sobre modas:

São evidentes os embaraços em que me vejo todas as vezes que tenho de escrever uma descrição de gravura para o Novo Correio de Modas. Julgo eu, e parece-me que tenho razão, que somente as senhoras é que possuem em subido gráo aquelle tracto fino que forma por assim dizer o colorido do estylo dos artigos deste genero. (...) Mas como há de ser? Se não houver quem faça das fraquezas forças, o jornal sahirá sem descripção de gravura, o que seria uma verdadeira calamidade para as nossas amaveis leitoras, e ate para a propria redacção.⁵¹

⁴⁸ SOUZA, Gilda de Mello, op. cit, p. 89-100.

⁴⁹ HARVEY, John. *Homens de preto*. São Paulo: Editora Unesp, 2004, p. 30.

⁵⁰ *Ibidem*, p. 31 e 273.

⁵¹ Novo Correio de Modas, 1º. sem. de 1852, n, 22, p. 8.

Uma das saídas encontradas diante da dificuldade em descrever os modelos foi a divagação a respeito da importância da moda na sociedade, sua definição e origem. Essa saída acrescentava um bom número de palavras ao texto, mas com o tempo foi abandonada e a seção passou a contar apenas com a exposição direta, ainda que minuciosa, dos figurinos, dos moldes e dos debuxos. Na tentativa de solucionar esse problema, fez-se uso também de pequenas doses de ficção, num entrelaçamento de duas categorias aparentemente distintas, como moda e prosa ficcional:

O calor dos ultimos dias sufficientemente nos prova a necessidade de abandonar a vida da cidade, pelos risonhos prazeres do campo. (...) E quereis saber como se lá vive? Olhai para esse par ditoso que vos representa essa gravura: ella está vestida com elegancia, mas sem os pesados adornos que occultão a beleza ainda quando mais rara, segura negligentemente a fita do seu chapéo de passeio, e olha com ternura para o pobre cachorrinho, que, sem saber o que faz, já metteu o pé a água, em riscos de se constipar. A moça parece dizer-lhe: “Não faça isso, nônhô.” O cavalheiro que a acompanha, noivo, segundo minhas observações, está vestido com um rodaque de ganga, deixando ver, pela abertura inferior das mangas, os largos punhos da camisa, collete branco, calça de brim de chadrez miudo; chapéo d’abas largas e branco; sapato e meia, lenço de seda ao pescoço, e collarinho virado. Não precisa saber-se mais; deixá-los descansar, comtanto que o cachorrinho não morra, por alguma imprudencia, afogado na água do ribeiro.

Os folhetins publicados por esse periódico também dialogaram com a moda. A narrativa “Primeira dita e ultimo recurso”, por exemplo, tomou como base a imagem apresentada na última seção da revista na construção de seu enredo:

Vede essa menina: tem dezeseis anos, é bonita e amada; acaba de receber um anel do seu amante! Quantas cousas lhe diz esse anel! Quanto lho promete! Vai a ter vestidos riquissimos, e diamantes, e joias sem conto. Será emfim dona de casa, governará; irá passar reclinada em seu caleche; hão de inveja-la as amigas; receberá duas vezes por semana a mais escolhida companhia da côrte. Que dita! Assistirá a todas as primeiras representações; seu esposo viverá sujeito a sua vontade, escravo dos seus caprichos. Se a estima tanto! A vida para ella é um sonho esplendido; sorri-lhe a felicidade – agora é lançar-se no futuro.⁵²

⁵² Ibidem. 2º sem. de 1852, n. 1, p. 1-2.

As tendências de vestuário foram abordadas igualmente em outras seções. O periódico trouxe narrativas sobre a origem do xale⁵³, do chinó⁵⁴; do leque e da ventarola⁵⁵; matérias com dicas para lavar a roupa branca e rendas novas⁵⁶; comentários sobre os “funestos” resultados do espartilho - “uso suicida” de “efeitos desastrosos” na anatomia feminina.⁵⁷

Em “Assembléia revolucionária americana-feminil”, os prejuízos da moda para a saúde da mulher novamente entraram em pauta. O artigo versou a respeito de uma reunião “singularíssima composta exclusivamente de indivíduos do sexo feminino”, na qual se discutiu a necessidade de as mulheres vestirem roupas que não atrapalhassem seus movimentos, bem-estar e comodidade. A assembleia criticou, sobretudo, a moda estrangeira, “que offerec(ia) graves inconvenientes”, “com obrigações indignas de uma sociedade livre”, e obrigava as damas a “varrer(em) as ruas da cidade com as saias do vestido”.⁵⁸ Essa questão foi retomada alguns números adiante, em “Negócios da emancipação feminil”, quando citou-se outra reunião que teve como propósito reivindicar a abolição da “escravidão” das mulheres americanas, submetidas aos caprichos e imposições de uma moda forasteira.⁵⁹

Ao lado desses artigos sobre moda, a prosa de ficção também desfrutou de grande destaque nas páginas da revista, sendo reservados dois espaços para a publicação de narrativas ficcionais: a primeira seção, onde os redatores apresentaram os folhetins, e a seção **Anedoctas**, onde expuseram textos mais curtos, caracterizados pela recorrência ao humor. Estas últimas narrativas retrataram acontecimentos jocosos e curiosidades sobre a vida de santos, papas e reis europeus, como o pontífice Clemente XIV; o

⁵³ A revista contou uma história para justificar a voga do xale como acessório indispensável para as francesas: um jovem capitão, identificado por T..., foi enviado para participar das guerras napoleônicas pela conquista do Egito. De volta à França, ele trouxe ao seu ídolo amado, “uma cachemira dos melhores que a Índia tinha fabricado”. De início, a moça presenteada irritou-se com o tecido, por considerá-lo muito reles e vulgar. Entretanto, ao vê-lo sob os ombros de sua criada, mudou imediatamente de ideia. Na mesma noite, ela foi ao teatro italiano usando o acessório, que logo se tornou moda entre as francesas. Fonte: Novo Correio de Modas, 1º sem. de 1852, n. 24, p. 187-189.

⁵⁴ De acordo com o Novo Correio de Modas, o chinó foi inventado por um camponês para ajudar o duque de Borgonha a encobrir sua calvície, quando este ainda era noivo da princesa Isabel. Logo a corte começou a imitar-lhe o hábito, adotando o uso da cabeleira postiça. Ibidem, 2º sem. de 1852, n. 5, p. 35-36.

⁵⁵ Segundo a revista, esses dois acessórios surgiram na Grécia Antiga, sendo feitos inicialmente de folhas de mirta e de acácia, mas um rapaz inventou os feitos com penas para salvar uma moça que desfalecia por causa do calor, em um campo onde não havia árvores. Fonte: Ibidem,, 1º sem. de 1852, n. 6, p. 43.

⁵⁶ Ibidem, 1º sem. de 1852, n. 25 e 26, p. 197 e 127.

⁵⁷ Ibidem, 1º sem. de 1854, n. 22 e 24, p. 174-175 e 189-190.

⁵⁸ Ibidem, 1º sem. de 1852, n. 2, p. 13-14.

⁵⁹ Ibidem, 1º sem. de 1852, n. 5, p. 37.

imperador Frederico II, o Grande, e o czar russo Pedro⁶⁰. A atenção especial à prosa de ficção demonstra que o periódico esteve em sintonia com importantes jornais fluminenses de circulação diária, como o *Jornal do Commercio*, o *Diário do Rio de Janeiro* e o *Correio Mercantil*⁶¹. Em meados de 1850, a prosa ficcional tomou conta dos rodapés dos periódicos em tal medida que Marlyse Meyer considera essa década como “época de apogeu do folhetim na imprensa (brasileira)”⁶². Segundo a autora, nesse contexto, as narrativas eram imprescindíveis “para qualquer nova empreitada jornalística”, tanto que mesmo os jornais dedicados mais a assuntos políticos, como o *Jornal do Brasil*, acolheram esse gênero literário.⁶³

Além dos espaços destinados à moda e às narrativas, a revista contou com uma seção voltada para a publicação de poesias, na qual apareceram com frequência os nomes de Augusto Emílio Zaluar, Joaquim Norberto e Gonçalves Dias, bem como os de poetas de outras nacionalidades, como Almeida Garrett, Francisco Gomes de Amorim e Vitor Hugo. Ao lado desses, outros poetas desconhecidos do público de hoje, como Innocencio Rego, Souza Almada, participaram dessa seção.⁶⁴

Havia ainda um espaço reservado para a veiculação de charadas, enigmas pitorescos e logogrifos. Segundo Osmar Pereira Oliva, essa era uma prática comum na imprensa do século XIX, pois na época os periódicos costumavam apresentar adivinhas para o desafio do público⁶⁵. Os redatores incentivaram a participação dos leitores na

⁶⁰ *Ibidem*, 1º sem. de 1854.

⁶¹ De acordo com Ilana Heineberg, o *Jornal do Commercio* publicou “os grandes ‘best-sellers’ internacionais do século XIX, como *Mistérios de Paris* (1844-1845), de Eugène Sue, e *Rocambole* (1866 a 1870), de Ponson Du Terrail. O *Diário do Rio de Janeiro* teve como seu editor-chefe José de Alencar e abrigou em suas páginas *O Guarani* (1857). O *Correio Mercantil*, por sua vez, ficou marcado pela publicação de *Memórias de um sargento de milícias* (1853-1854)”. HEINEBERG, Ilana. *Miméticos, aclimatados e transformadores: trajetórias do romance-folhetim em diários fluminenses*. In: *Trajetoórias do Romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Márcia Abreu (org.). Campinas: Mercado das Letras, 2008, p. 499-500.

⁶² MEYER, Marlyse, op. cit, p. 317.

⁶³ *Ibidem*, p. 297.

⁶⁴ Na lista de escritores que publicaram suas poesias nas páginas do *Novo Correio de Modas*, encontramos nomes como F. Gomes de Amorim, Jorge H. Cussen, Pedro Diniz, M. A. Ferreira da Silva, José Corrêa, Mendes Leal Junior, J. Ferreira Rangel, A. F. Colin, J. P. A. Peçanha, Innocencio Rego, Souza Almada e M. B. Fontenelle. Além dos escritores já mencionados, outros alguns ainda não identificados também participaram da seção, já que era uma prática comum indicar a autoria por meio de simples abreviações e de pseudônimos.

⁶⁵ Osmar Pereira Oliva define o logogrifo da seguinte forma: “Logogrifo – modalidade de charada que consiste em formar certo número de palavras com letras de outra palavra ou das palavras integrantes de uma locução. Para isso numeram-se as letras da palavra ou locução escolhida e com esses números se indicam as letras utilizadas nas palavras que se formarem. É condição do logogrifo que no conjunto das palavras assim formadas figurem todas as letras da palavra ou locução básica e, no mínimo, se repita a metade mais uma. O logogrifo pode ser feito em prosa ou verso, mas de preferência em verso. (Compõe-se um logogrifo incluindo-se numa ou mais frases de sentido completo, ou num poema, sinônimos das palavras formadas [parciais] e em último lugar o da palavra ou locução que serve de solução [conceito],

seção, transcrevendo charadas propostas pelos assinantes e indicando o nome de quem primeiro descobrisse os enigmas propostos. Dentre os que se empenharam na composição e na decifração desses textos, esteve Leonel Martiniano de Alencar, irmão do romancista José de Alencar.⁶⁶ (ver anexos 4 a 7)

Na seção **Chronicas da Quinzena**, o escritor que se ocultava sob o pseudônimo de D. Sallustio tratou de acontecimentos das últimas duas semanas, concentrando-se de maneira especial em festas religiosas, apresentações nos teatros e outras formas de entretenimento disponíveis à população, como a participação em saraus, bailes e corridas de cavalos. Algumas vezes, também comentou a vida literária do período, tecendo críticas sobre obras de poetas e romancistas. No primeiro semestre de 1852, por exemplo, elogiou os livros recém-impresos *Lendas Narrativas*, de Alexandre Herculano, e *Romanceiro*, de Almeida Garrett, declarando grande apreço por ambos escritores.⁶⁷

Os episódios políticos ficaram de fora da seção, porque segundo o cronista era preciso privilegiar temas como “modas, passeios, bondes, rendas e flores”:

A respeito da politica, de proposito não quero hoje dizer nada. Já no outro dia se zangarão comigo, e eu não estou para contos. E tem razão. – Que quer dizer fallar em politica, uma coisa tão feia, tão triste, tão carrancuda, quando se trata de modas, de passeios, de bondes, de rendas e de flôres? É máo gosto. – Me parece estar ouvindo dizer a todos as minhas amaveis e espirituosas leitoras. Pois não quero mais incorrer nessa pecha. Pequei, mas estou arrependido. Não cáio n’outra. Ainda que chegue o paquete quando eu estiver escrevendo a Chronica, hei de fugir da tentação.⁶⁸

D. Sallustio justificou esse procedimento dizendo que tais assuntos não seriam propícios à frágil imaginação do sexo feminino:

indicando-se ao lado de cada parcial, entre parênteses ou ao pé da composição [quando em prosa], e no fim do verso em que aparecem ou ao pé do poema [quando em verso], os algarismos, separados por vírgulas, correspondentes às letras do conceito utilizadas na sua formação).” Fonte: OLIVA, Osmar Pereira. *Literatura oitocentista montes-clarense: escrita, memórias e leitura*. Juiz de Fora: Revista Darandina, v. 1, 2009, p. 5.

⁶⁶ Leonel Martiniano de Alencar desvendou a charada publicada no 1º. sem. de 1852, n. 9, p. 64, conforma indica a nota do número seguinte, p. 80. Além disso, criou o enigma veiculado nesse mesmo semestre, número 14, p. 112.

⁶⁷ Novo Correio de Modas, 1º sem. de 1852, n. 7, p. 54-52.

⁶⁸ *Ibidem*, 2º sem de 1853, n. 2, p. 8.

Nos tempos das grandes agitações políticas, as ideas e os acontecimentos impressionáo por tal sorte os homens que os mais innocentes prazeres revestem-se sempre de uma côr marcial e até feroz. Não é raro, por exemplo, encontrar n'um baile, torcendo os espessos bigodes, e carrancudos nos aspectos, os mancebos que nos dias de tranquillidade conversão com tanta amabilidade com as moças! Repetem tão agradaveis phrases nas intimas conversações de um soirée! Uma senhora conheci eu, espirituosa e bella, que me disse uma vez: “Não posso soffrer um home m que me falla continuamente de guerra! Creio mesmo que a imaginação delicada do nosso sexo magða-se com as narrações dos feitos sanguinarios, Ha tanto assumpto na vida que bem escusado é mostrar-nos o quadro somente pelo lado tenebroso.” Sou da opinião desta intelligente senhora, e por esse motivo desejo bem não ter esse anno senão que fallar-vos em festas, bailes, passeios, finalmente em toda a casta de prazeres, divertimentos e folguedos que nos fação esquecer da brevidade com que o tempo engole os anos no sorvedoro passado.⁶⁹

Enquanto assuntos políticos foram banidos do periódico, o tema da moral, pelo contrário, teve presença obrigatória. Nas narrativas ficcionais, como veremos mais adiante, os redatores buscaram textos com personagens decorosas, virtuosas e honradas, nas quais pudesse se espelhar o público, ou cujos erros e vícios fossem duramente punidos, ensinando, assim, que os leitores deveriam adotar uma conduta diferenciada. Ademais, havia uma seção nomeada **Máximas e pensamentos**, na qual foram prescritos padrões de comportamento, sobretudo aos indivíduos do sexo feminino, demonstrando mais uma vez o intuito de colaborar com a edificação moral dos assinantes e eventuais compradores da revista.

Além das seções dedicadas às modas, prosas ficcionais, poesias e crônicas, de presença fixa no interior do periódico, existia ainda outras esporádicas, embora de grande recorrência, com matérias com dicas de economia doméstica e beleza. Esses textos ensinaram estratégias para lidar com questões diversas, como matar moscas, conservar, limpar e branquear os dentes, compor pastilhas e saquinhos aromáticos, produzir depilatórios, corrigir falhas nas sobrancelhas e remediar calos e suores nos pés.

Matérias sobre viagens a vários países foram igualmente contempladas nas páginas do Novo Correio de Modas. No ano de 1853, por exemplo, a revista abordou diversas partes do globo: em “Fragmentos de uma viagem a Africa”, contou um episódio de caças de leões; em “Fragmentos de viagem: a quinta parte do mundo”,

⁶⁹ Ibidem, 1º sem. de 1854, n. 2, p. 7.

expôs aspectos da geografia e da cultura da Oceania; em “A Jerusalem da Biblia”, disponibilizou um relato sobre a cidade Santa; em “Fragmentos de viagem: Magalhães”, trouxe uma biografia do primeiro navegador a se aventurar pelo estreito que levou seu nome; em “Fragmento de viagem: Viagens de James Cook”, dissertou sobre a viagem desse capitão ao Taiti; em “Aux-la-Chapelle”, citou recordações de Mistress Trollope sobre a capital do império de Carlos Magno; e em “Tumulo de Napoleao na igreja dos Invalidos”, descreveu minuciosamente a tumba do imperador situada na Praça dos Inválidos, em Paris.⁷⁰

A diversidade de assuntos abordados sugere preocupação em fornecer textos do agrado e do interesse do leitor oitocentista, que permitissem seu entretenimento, sua instrução e principalmente sua educação moral. Essas características, comuns a todas as seções do Novo Correio de Modas, se mostraram ainda mais acentuadas nas narrativas ficcionais publicadas por este periódico.

2.2. As narrativas publicadas pelo periódico

Segundo Antonio Candido, os discursos sobre romances produzidos nos séculos XVIII e XIX tinham como pontos-chave a educação moral e o entretenimento, sendo que a indução à virtude encontrava-se atrelada à recreação, já estas narrativas ensinavam valores de comportamento a seus leitores ao mesmo tempo em que os divertiam.⁷¹ De fato, os romancistas desse período demonstraram forte preocupação em colaborar com a edificação, a instrução e o lazer de seus leitores:

A finalidade principal dos Romances, ou ao menos a que deveria ser, a que se devem propor todos aqueles que os compõem, é a instrução dos Leitores, a quem é necessário fazer ver a virtude sempre coroada e o vício castigado. Mas como o espírito do homem é naturalmente inimigo dos ensinamentos, e seu amor-próprio o revolta contra as instruções, é preciso enganá-lo pelos atrativos do prazer, adoçar a severidade dos preceitos pelos exemplos agradáveis, e corrigir seus defeitos condenando-os em outra pessoa. Assim, o divertimento do Leitor, que o Romancista hábil parece ter por objetivo nada é além de uma

⁷⁰Ibidem, 1º sem. de 1853, n. 22 p.171-173; 1º sem. de 1853, n.25, p.196; 1º sem. de 1853, ns. 16 e 17, p. 125-127 e 132-133; 2º sem. de 1853, n. 3, p. 19-21; 2º sem. de 1853, ns. 16 e 17, p. 124-125 e 134; 2º sem. de 1853, n. 26, p. 202-204 e 2º sem. de 1853, n. 7, p. 54-56, respectivamente.

⁷¹ CANDIDO, Antonio. A educação pela noite & outros ensaios. 3ª. Edição. São Paulo. Ática, 2003, p. 79.

finalidade subordinada à principal, que é a instrução do espírito e a correção dos costumes.⁷²

A esse respeito, Sandra Vasconcelos acrescentou que por não depender do conhecimento de regras de retórica e de poética, como outros gêneros da tradição clássica, o romance desfrutou de apelo junto ao grande público. Devido a essa capacidade de penetração, ele foi empregado como um “precioso instrumento pedagógico”, no intuito de “educar o leitor, de influir na sua formação, de oferecer-lhe instrução de maneira agradável e até mesmo imperceptível”.⁷³

O apoio na moralidade foi uma estratégia utilizada para vencer a resistência daqueles que viam a possibilidade de o romance influenciar negativamente o comportamento das pessoas, sobretudo das mulheres e dos jovens. De acordo com alguns críticos, esses indivíduos seriam mais facilmente suscetíveis a tomar os exemplos apresentados como modelos de conduta e se comportar, na vida real, tal qual as personagens da ficção. Por isso, a importância de se apresentar textos que premiavam a virtude e condenavam o vício, refutando as condenações ao gênero.

Como toda a prosa ficcional dessa época, as narrativas publicadas pelo Novo Correio de Modas objetivavam deleitar e colaborar para a instrução e edificação moral de seus leitores. Um dos principais preceitos que a revista procurou ensinar foi a importância da submissão à vontade paterna, sobretudo nas questões referentes ao casamento. Para tanto, trouxe exemplos de personagens que acataram fielmente todas as decisões paternas, casando-se com indivíduos escolhidos pelos pais, e de outras que contrariaram tais resoluções. As primeiras foram recompensadas com a paz no ambiente doméstico, enquanto as segundas passaram por uma série de infortúnios, tendo assim a conduta castigada. Esse é o caso, por exemplo, da narrativa “Casamento por inclinação”, que conta a história de Sara, uma jovem nobre que se rebelou contra as deliberações do pai, contraindo núpcias com o filho de um tenente sem obter seu consentimento, pois ele pretendia casá-la com um rapaz de condição social elevada. A moça foi deserdada, proibida de frequentar a casa da família e seus sofrimentos aumentaram ainda mais quando o marido perdeu o emprego, ficando sem meios de subsistência. Como era “homem sem energia, e incapaz de lutar com a má fortuna”, se suicidou, abandonando esposa e duas filhas à própria sorte. Sara viu-se, então, obrigada

⁷² HUET, Pierre-Daniel Apud ABREU, Márcia Azevedo de. Os caminhos dos livros. Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil. São Paulo: Fapesp, 2003, p. 306.

⁷³ VASCONCELOS, Sandra Gardini, op. cit, p. 05-06.

a trabalhar para fugir da condição de miséria em que vivia, o que certamente não teria acontecido se tivesse escutado os conselhos paternos.⁷⁴

O mesmo ocorre na narrativa “Roberto e Anna D’ Arfect”, em que as personagens Roberto e Anna D’Arfect – ele um simples cavaleiro e ela membro da nobreza – também desobedeceram às ordens dos pais e fugiram para se casar. O navio que transportava os dois amantes naufragou e eles padeceram durante dias em uma ilha deserta, sem encontrar alimentos para sobreviver ou meios de fugir do local. A morte demorou a acontecer, prolongando ainda mais o sofrimento de ambos. Para concluir, o narrador assinalou que esse fim era uma consequência dos arroubos das personagens, afirmando que seus túmulos “testemunha[r]iam] deste modo aos que de futuro aquella terra pisassem que o amor indiscreto é sempre justamente punido!...”⁷⁵

Na narrativa “Joanna, ou o amor contrariado”, a filha de um camponês quase foi vítima de um “amor indiscreto”, como as personagens da história anterior. Ela estava apaixonada por certo rapaz, que se esquivou ao descobrir que seu pai a havia prometido a Pedro, um antigo sargento-mor. A moça ameaçou matar o noivo, caso ele não desistisse do casamento, entretanto, ele não se intimidou. Um dia, Joanna cumpriu sua promessa, atirando nele com uma espingarda, quando voltava para casa. Nesse mesmo momento, ela se arrependeu, pois percebeu seus verdadeiros sentimentos por Pedro. A moça zelou dia e noite por sua saúde, permanecendo ao seu lado até sua recuperação. O desfecho dessa narrativa mais uma vez corroborou a importância de os filhos obedecerem aos pais, mesmo que isso lhes parecesse, em um primeiro momento, inadequado. Como era inexperiente, Joanna desconhecia suas emoções, julgando odiar um homem por quem, na realidade, sentia amor. Ela seguiu, ainda que contra sua vontade, as determinações paternas e teve seu comportamento premiado com a felicidade conjugal.

O casamento foi uma das temáticas mais recorrentes nas páginas do Novo Correio de Modas. Inúmeros textos da revista abordaram essa questão, tratada de forma ainda mais saliente no espaço dedicado à prosa ficcional. Em “O velho celibatário”, um octogenário escreveu uma longa carta-testamento ao seu sobrinho, na qual lhe contou seus infortúnios no amor e os motivos que o levaram a permanecer solteiro, embora tivesse se apaixonado oito vezes. Na tentativa de reparar o erro de não ter ocupado “os mais importantes deveres da vida, os de esposo e pai”, ele estabeleceu que o sobrinho

⁷⁴ Novo Correio de Modas, 1º sem. de 1853, n. 11, p. 81-84.

⁷⁵ Ibidem, 1º sem. de 1854, n. 2, p. 11-13.

somente receberia a herança que lhe deixava depois de se casar. Para justificar seu procedimento, procurou demonstrar as inconveniências por que passa um homem que não se liga a uma mulher, apontando, sobretudo, a solidão diante da falta de uma companheira e a desventura de não deixar descendentes:

Meu amigo, meu caro sobrinho, acredita na minha triste experiencia: uma mulher, filhos, eis os únicos entes de que se póde qualquer lisongear ser amado, e os que dão preço á vida: a minha vai acabar e impacientemente aguardo esse momento. (...) O meu pobre coração, por tanto tempo opprimido pelos prazeres, desgostos e abandono, ainda palpita de prazer pensando em que uma mulher e filhos habitarão debaixo deste tecto, onde por tanto tempo vivi só, triste e desgraçado. Não te esqueças de inspirar mui cedo a teus filhos o gosto pelo casamento, e de repetir-lhes sem cessar que passada a mocidade um homem não pode ser feliz no celibato.⁷⁶

Em outra narrativa, intitulada “Quatro estados em um dia”, defendeu-se o valor do matrimônio, dessa vez para o sexo feminino, sendo as bodas e o nascimento de um filho apontados como os momentos mais significativos na vida de uma mulher:

Sois casada, minha leitora? Então não careceis que vos descreva as solemnidades que a igreja emprega no casamento. Sois solteira? Como este jornal tem de ser lido por casadas, para as não enfastiar, ide ter com vosso pai e vossa mãe: pedi-lhes que vos dêem um marido escolhido por elles; ha de ser melhor do que aquelle que vós mesma escolherdes: embora assim não cuideis. Escolhido que seja, ide á igreja e saberei o que é. E ainda sabereis outra cousa: sabereis qual é o mais bello momento da vida humana. Sim: que para o homem e a mulher não há momento de ventura igual áquelle em que o sacerdote, tendo proferido as palavras sacramentaes, os entrega um ao outro. Nesse momento, as portas do paraizo se abrem, e nós, fracos mortaes, gozamos das delicias do céu. É um momento, porém um momento que vale uma eternidade. A mulher tem ainda outro momento igual: é aquelle em que recebe em seus braços o fructo de suas entranhas. Ser espôsa! e ser mãe!⁷⁷

As narrativas, assim como outras matérias veiculadas pela revista, pregaram a maternidade como o principal papel social destinado ao sexo feminino. Por isso a

⁷⁶ Ibidem, 2º sem. de 1853, n. 8-10, p. 57-61, 65-69 e 73-77.

⁷⁷ Ibidem, 2º sem. de 1853, n. 14, p. 108-109.

importância de trazer textos capazes de contribuir com a instrução moral das leitoras: pressupunha-se que elas transmitiriam essas virtudes aos filhos, que se tornariam, conseqüentemente, cidadãos honestos. Colaborar com a elevação moral das mulheres, nesse sentido, era trabalhar em prol de resultados profícuos, que beneficiassem toda a sociedade.

Os redatores apresentaram uma série de máximas nas quais recomendavam que as mulheres se dedicassem à educação dos filhos e os tratassem de forma carinhosa. A maternidade era quase que uma condição obrigatória, porque sem ela o sexo feminino não desempenhava sua função na sociedade:

No estado social a perfeita dignidade da mulher é o gráo mais alto do sexo feminino; porém a dignidade da mãe, na sua mais sublime applicação, aproxima a mulher ao divino, e nesta gloria tanto a natureza como o sentimento moral a elevão acima do homem.⁷⁸

Procurou-se desestimular a penetração desse sexo em outros espaços, além dos estritamente domésticos, o que foi feito através da afirmação categórica da necessidade de as mulheres permanecerem no lar, devido à existência de certas peculiaridades as indispunham ao trabalho fora de casa:

Entre os paradoxos que ahi tem vogado nestes ultimos tempos, é certamente um dos mais estranhos aquelle que pretende que as mulheres podem e devem occupar os mesmos espaços que os homens: e que só o despotismo brutal destes as condemna á vida de familia. Nada é mais falso. A natureza creando o homem e a mulher lhes destinou funcções mui diversas: a áquelle todos os cuidados da vida exterior, todos os trabalhos que demandão força physica: a esta todos os cuidados da vida domestica, todos aquelles em que podem vencer a paciencia, brandura e doçura. (...) Minha amavel leitora, creou-vos Deos para a vida interior da familia, fóra della sois ridiculas. Não sejam minhas palavras as que vos convenção: olha em roda de vós: vêde os factos e julgai.

Uma das principaes occupações das mulheres deve ser o cuidado da sua casa. Uma mulher incapaz de preencher as obrigações que lhe impõe o titulo de mãe de familia e de dona de casa, seja

⁷⁸Ibidem. 1º sem de 1853, n. 5, p. 7

qual fôr o seu talento e a sua intruccção, será sempre mais ridícula e mais digna de compaixão e de estima.⁷⁹

Ainda versando sobre questões referentes à instituição familiar, a revista pregou que os pais deveriam se empenhar ativamente na educação dos filhos, procurando inculcar-lhes bons princípios. Em relação à instrução das filhas, preconizou-se a importância de evitar atender a todos seus desejos, de modo a impedir que elas se tornassem demasiadamente voluntariosas, e também de mantê-las um tanto quanto reclusas, para que não se corrompessem com os vícios da sociedade. Esse é o caso, por exemplo, da narrativa “Os dous methods”, que conta a história de Laura e Clara, duas amigas de infância que, apesar da proximidade, receberam uma educação diferenciada. Enquanto a segunda era submissa e tomava parte apenas de reuniões com poucos amigos, a primeira era “altiva” e “sujeita a seus caprichos e desejos”, participando de todos os divertimentos que tivesse a seu alcance. O caráter modesto e a vida reservada de Clara possibilitaram que fosse eleita por um jovem herdeiro de um grande capital, com quem se uniu; já Laura não teve tanta sorte: embora não tenha sido punida com o celibato, ela não conquistou a felicidade com o casamento, pois nem seu marido conseguiu agradá-la. A narrativa valorizou, sobretudo, o comportamento da mãe de Clara e, em contrapartida, criticou a de Laura por ter dado liberdades excessivas à filha, sendo responsabilizada, portanto, por sua desgraça.⁸⁰

O Novo Correio de Modas saiu mais uma vez em defesa da família, ao condenar os homens que não cumpriam adequadamente seu papel de esposo e pai. Recriminou, em especial, os que se voltavam à “vida estragada do jogador”, capaz de “arruin[ar] a alma e coração de um pobre homem”, desperdiçando as noites ao lado de pessoas corruptas, preferindo estas companhias ao doce aconchego do lar. Várias narrativas ficcionais publicadas pelo periódico discorreram sobre essa questão, sendo as personagens que se dedicaram a tais práticas criticadas por sua conduta imprópria. Em “A taboagem, ou o jogo da banca”, por exemplo, contou-se o triste fim de um jovem que desperdiçou toda sua fortuna com esse vício, perdendo inclusive a mulher como resultado de uma aposta mal-sucedida.⁸¹ A presença de modelos de roupas para homens na seção **Modas** e de exemplos de conduta para esse sexo nas narrativas ficcionais mostra que a revista também tomava o público masculino como interlocutor. Desse

⁷⁹ Ibidem. 2º sem. de 1852, n. 16, p. 129-131 e 1º sem. de 1854, n. 9, p. 69-70, respectivamente.

⁸⁰ Ibidem. 2º sem. de 1853, n. 11, p. 83-85.

⁸¹ Ibidem. 1º sem. de 1852, n. 21, 22 e 23, p. 161-164, 169-172 e 177-179.

modo, o Novo Correio de Modas era dirigido para diversos leitores, o que talvez justifique a grande variedade de temas contemplados em suas páginas.

Como os redatores do periódico se preocupavam em oferecer matérias que defendessem princípios familiares, a infidelidade conjugal não poderia ficar de fora da revista. Curiosamente todos os textos em prosa ficcional que abordaram essa questão tiveram mulheres nos papéis de esposas desleais. Em contrapartida, não houve qualquer menção a casos de traições matrimoniais cometidas pelos maridos, o que sugere que o adultério masculino talvez não fosse visto como um problema.

Na narrativa “A marquiza de Brinvilliers”, relatou-se uma série de delitos cometidos por Madame D’Aubray, que incluíram envenenar o próprio pai e o irmão quando estes procuraram persuadi-la a abandonar o amante. Como punição por seus crimes, a marquesa foi decapitada e suas cinzas lançadas ao mar.⁸² No número seguinte, foi apresentada a história de “Henriqueta de Mont-Clara”, uma linda condessa que padecia profundamente nas mãos de um esposo violento. Um dia, não pôde mais suportar tanto sofrimento e planejou fugir com o conde de Marsanges, única “alma honesta que se interessa[va] por sua sorte”. Entretanto, o atraso do amado ao encontro fez com que a moça se julgasse abandonada e, por isso, ela se suicidou. Sua morte o levou a perder a sanidade mental, a qual não foi restituída, mesmo diante de todos os esforços de seus familiares. Ainda que não tivessem, de fato, consumado o adultério, Henriqueta e o conde foram punidos por terem planejado esse crime. O desfecho trágico das personagens trabalhou no sentido de defender que moça deveria ter se mantido virtuosa, honrando o cônjuge embora sendo este o responsável por suas lágrimas amargas.⁸³

Essa mentalidade esteve presente em outros textos do Novo Correio de Modas, já que o periódico argumentava que o “mal” decorrente da convivência de “gênios mais disparatados” nada era em comparação “dos que consigo traz[ia] o divórcio.”⁸⁴ A conduta do jovem conde de Marsanges também foi recriminada, pois seu envolvimento com uma mulher casada causou-lhe a loucura. Após a viuvez, o marido de Henriqueta gastou todo seu dinheiro em apostas, vivendo os últimos dias na mais desoladora miséria, sendo igualmente punido pela maneira com que tratou a mulher.

⁸² Ibidem. 1º sem. de 1854, n. 14, p. 107-109.

⁸³ Ibidem. 1º sem. de 1854, n. 15-16, p. 113-116 e 120-123.

⁸⁴ Ibidem. 2º sem. de 1853, n. 14, p. 208-209.

A revista publicou também narrativas históricas, que versaram sobre batalhas e heróis europeus, sobretudo da França e de Portugal. Foi o caso, por exemplo, de “O castello de Faria (1373)”⁸⁵ e de “A torre de polvora de San Spirito em Veneza. Episódio da insurreição de 1848”⁸⁶. A primeira, composta por Alexandre Herculano – escritor que parece ter agradado os redatores, tendo em vista as críticas positivas feitas a sua obra *Lendas e Narrativas*, na seção **Chronica da Quinzena**⁸⁷ –, narrou uma batalha entre portugueses e espanhóis, na qual os lusos, apesar de em menor número, defenderam corajosamente o castelo de Faria da dominação espanhola. Já a segunda abordou táticas empregadas por um cabo austríaco para manter o controle de um forte veneziano, sob sua responsabilidade, enquanto todo o resto do território da província havia sido retomado pelos italianos.

O imperador francês Napoleão protagonizou várias narrativas. Algumas destacaram seu brilhantismo enquanto estrategista de guerra e sua coragem no campo de batalha. “A Ponte de Arcola”⁸⁸, por exemplo, descreveu a genial vitória das tropas napoleônicas sobre as comandadas pelo general austríaco Alvinzi. Outras focaram sua crueldade contra os inimigos e mesmo contra os subordinados que não acataram às suas ordens. No texto intitulado “O concerto na corte”⁸⁹, o imperador puniu um general acusado de erro militar enviando-o para frente do campo de batalha, onde ele teria grandes chances de se ferir mortalmente, o que, de fato, aconteceu.

O Novo Correio de Modas veiculou ainda uma série de narrativas marcadas pela presença do sobrenatural, do inacreditável e do estranho. Em “Ogro nos mares da Índia” – segundo indicação da revista, um conto persa traduzido do inglês por Henrique Velloso de Oliveira –, contou-se a história da tripulação de um navio que se viu dominada por um homem de aparência monstruosa (“tinha um aspecto capaz de mudar em terror a compaixão que primeiro nos inspirou”), após resgatá-lo de um naufrágio. De apetite insaciável, o ogro logo devorou quase toda a comida do navio, o que provocou a indignação de alguns marujos, prontamente reprimidos pelo monstro. Atônitos diante desse grave problema, os tripulantes foram salvos por uma ave gigantesca que esmagou a cabeça do antigo náufrago a bicadas, enquanto ele comia suas entranhas.⁹⁰

⁸⁵ Ibidem. 1º sem. de 1853, n. 5, p. 33-36.

⁸⁶ Ibidem. 1º sem. de 1853, n. 12-14, p. 89-94, 97-102 e 105-111.

⁸⁷ Ibidem. 1º sem. de 1852, n. 7, p. 54-56.

⁸⁸ Ibidem. 1º sem. de 1852, n. 15, p.113-116.

⁸⁹ Ibidem. 1º sem. de 1852, n. 19-20, 145-148 e 153-155.

⁹⁰ Ibidem. 1º sem. de 1852, n. 6, p. 41-43

Textos literários do escritor alemão Ernst Hoffmann, sobretudo os provenientes da obra *Contos Fantásticos*, tiveram presença significativa nesse periódico. “Coppelia, ou a moça sem coração”, por exemplo, narrou os infortúnios de um jovem, chamado Nathaniel, que abandonou sua noiva ao se apaixonar pela filha de seu professor. A moça, na realidade, era uma boneca de cera, movida por engrenagens mecânicas. Ao descobrir a verdade sobre sua nova amada, Nathaniel enlouqueceu e pôs fim à própria vida.⁹¹ Hoffman foi, inclusive, personagem de uma narrativa biográfica chamada “O albergue do poeta”, na qual se contou sua origem humilde e as dificuldades enfrentadas por ele ao lado de sua mulher antes que suas obras conquistassem sucesso.⁹²

De um modo geral, as narrativas publicadas pelo *Novo Correio de Modas* foram traduzidas de textos em francês, inglês e alemão, sendo ambientadas em cenários estrangeiros. Raras vezes a paisagem nacional teve espaço nesse periódico e, quando isso aconteceu, resumiu-se às províncias do Rio de Janeiro e de São Paulo. Essas narrativas, provavelmente de autoria de escritores brasileiros, seguiram a tendência dos demais textos em prosa ficcional apresentados pela revista ao se concentrarem na defesa de valores familiares. Em “Aventura noturna”, contou-se a história de uma moça que, desobedecendo aos conselhos paternos, fugiu para se casar com um homem que no final se mostrou um simples sedutor⁹³; em “Uma desgraça”, narraram-se os infortúnios de um jovem que motivado por seu ciúmes, assassinou a esposa e seu irmão bastardo, a quem desconhecia, já que ele era fruto de amores ilícitos maternos⁹⁴; e, em “Os dous castigos”, expôs-se um caso de uma mulher adúltera que morreu mercedamente, “porque Deos é justo e não póde deixar sem castigo esses attentados contra todas as suas leis”, enquanto o amante foi assassinado pelo marido, que faleceu poucos dias depois, sendo este o único “justo” que “entregou sua alma ao Creador”.⁹⁵

Além das abordagens já mencionadas, as narrativas ficcionais escritas possivelmente por brasileiros versaram sobre acontecimentos inexplicáveis, como um sino misterioso que tocava sozinho⁹⁶ e um busto espantoso que respondia a todas as perguntas a ele dirigidas⁹⁷. Ambos os enigmas foram solucionados em números

⁹¹ Ibidem. 1º sem. de 1852, n. 16-18, p. ?, 129-134 e 140-143.

⁹² Ibidem. 1º sem. de 1853, n. 13, p. 99-101

⁹³ Ibidem. 1º sem. de 1853, n. 8, p. 57-62.

⁹⁴ Ibidem. 1º sem. de 1853, n. 12-13, p. 90-91 e 97-98.

⁹⁵ Ibidem. 2º sem. de 1853, n. 17, p. 129-132.

⁹⁶ Ibidem. 1º sem. de 1853, n. 4, p. 25-29.

⁹⁷ Ibidem. 1º sem. de 1853, n. 13, p. 100-101.

posteriores, quando se explicou que tudo não passava de brincadeiras pregadas com o objetivo de assustar os mais crédulos.

Interessa observar aspectos do Brasil oitocentista retratados por essas narrativas, como a submissão da mulher à figura masculina, seja essa representada pelo pai ou pelo marido; o misticismo e a forte presença do catolicismo; as festas religiosas e outras formas de divertimento com as quais se entretinha a população; a urbanização da capital e o crescimento da cidade de São Paulo em decorrência das faculdades ali instaladas etc. Uma das questões mais relevantes foi o mote da escravidão. “Benta Bestunta” tratou da história de uma antiga cativa carioca de grandes dotes culinários, que conquistou sucesso com a venda de bolos – os famosos bolos da “mãe Benta”. A ex-escrava cuidava da filha de sua antiga dona e viajou para Portugal a fim de provar a origem nobre da menina, obtendo, assim, um casamento condizente com sua condição. Em terras lusas, o prestígio de seus bolos conquistou até a simpatia da rainha, que lhe pediu que permanecesse no país e trabalhasse no palácio real. Benta era o exemplo perfeito de escrava, segundo o autor, “um typo que infelizmente se perdeu”:

Benta Bestunta não era mucama, não era cozinheira, não era costureira, não era engommadeira, não era lavadeira: era tudo isso, e mais que tudo isso. Em casa de sua senhora havia uma perfeita cozinheira, mas quando vinhão hospedes á casa, a nossa Benta lá ia para a cozinha e era quem dava o ultimo de mão a todos os quitutes e guisados que tinhão de figurar na mesa. Em casa de sua senhora havia um exercito de costureiras; mas quando ella queria uma fralda ou uma gola de picados, quando queria um peito de fina cambraia bordada para fazer presente ao seu marido, era a Benta que fazia. Emfim, a Benta era quem superintendia; era como o genio superior que presidia a todos os trabalhos. E depois guardava as chaves, vigiava as raparigas, sahia com ellas as missas, e que alguma lhe levantasse os olhos! fossem para lá.⁹⁸

Outra narrativa, chamada “Cepo por dote”⁹⁹, retomou essa questão ao retratar a relação dos escravos com seus senhores. Segundo uma das personagens, seu antigo dono era “o melhor dos homens e o melhor dos senhores”, já que sua bondade o levava a não exigir muitos serviços de seus negros e a tratá-los como filhos, “sempre com brandura, nunca com aspereza”. O amo lhe deu sua carta de alforria, quando ele

⁹⁸ Ibidem. 1º sem. de 1853, n. 1 e 2, p. 1-3 e 9-11.

⁹⁹ Ibidem. 1º sem. de 1854, n. 8, p. 57-60.

aceitou se casar com outra escrava, numa atitude que comprovou ainda mais sua extrema benevolência:

Casámos, e por presente de casamento tivemos ambos a liberdade. Continuámos a servi-lo do mesmo modo que fôramos captivos; antes com mais dedicação, pois que tinha mais titulos a nossa gratidão.¹⁰⁰

A liberdade, aqui, apareceu não como um direito, uma prerrogativa legítima a todo ser humano, mas como uma dádiva do branco para o negro, que continuava servindo-o ainda com mais dedicação depois de alforriado. Desse modo, num certo sentido, a liberdade servia aos interesses dos senhores, que alforriavam seus escravos esperando com isso obter alguma vantagem.

2.3. Um espaço para críticas

A escravidão foi tema de outros artigos, mas se mostrou ainda mais acentuada na série sobre a obra *A cabana do tio Tomaz*, de *Mistress Stowe*.¹⁰¹ Nesses textos, o autor versou sobre o furor que a passagem da escritora causou na Inglaterra e apresentou aos seus leitores um resumo crítico do livro. A seu ver, se *Stowe* apreciasse verdadeiramente os negros, teria ido à África em vez de ao território inglês. Além disso, ele recriminou a atitude dos ingleses, dizendo:

A Inglaterra não tem horror á escravidão branca, aliás começaria por casa ou iria negociar com o Imperador da Russia: nem mesmo se importa se os brancos comem ou morrem de fome, porque, se isso desse abálo, lá tem a Irlanda, onde poderia empregar seus cuidados: nada: os amores da Inglaterra são os negros. Em gostos não ha disputas.¹⁰²

A repreensão feita pelo autor aos “amores” da Inglaterra pelos negros provavelmente resultou da forte pressão feita por esse país para o fim da escravidão nos territórios coloniais. Quanto ao romance, o crítico defendeu que a “verossimilhança” não foi “sustentada”, porque diversas cenas retratadas não teriam acontecimento real fora das páginas do livro, como os numerosos filhos de senhores com negras, as “bordoadas[s] de tirar couro e cabelo” e o assassinato dos cativos “assim como qualquer

¹⁰⁰ Ibidem. p. 58.

¹⁰¹ Ibidem. 2º sem. de 1853, n. 5, 6 e 7, p. 39-40, 43-44 e 52-54.

¹⁰² Ibidem. 2º sem. de 1853, n. 5, p. 39.

de nós mata um mosquito”. Para o autor desses artigos, a obra nada mais era do que “paradoxos sobre paradoxos”, sem o menor “vislumbre de verdade”.

Esses artigos trouxeram a assinatura de ***, a mesma encontrada nas narrativas brasileiras já mencionadas, “Benta Bestunta” e “Cepo por Dote”. Conforme discutido anteriormente, ambas naturalizaram a relação entre donos e cativos, apresentando escravos satisfeitos com a condição servil e senhores extremante amáveis com eles.

Considerações diferentes foram expostas pelo autor da crítica acerca do romance Mil e uma noites. Ele afirmou que este livro difere dos folhetins modernos, pois não conta com elevado número de “roubos, mortes, incendios e adulterios”, o que permitiria que o leitor dormisse tranquilamente após a leitura, já que “nada lhe pesa na consciencia, nada lhe faz bater o coração, nada lhe escalda a cabeça”.¹⁰³

Esse foi o mesmo critério empregado em outro texto para avaliar as obras de M. Cottin, romancista que compôs Clara de Alba; Malvina, Amelia de Mansfield e Mathilde e Isabel, ou os desterrados na Siberia. O autor destacou que o último era o que merecia maior apreço, enquanto os demais não “convirão á juventude” por serem repletos de “fogo e de movimentos de paixão”, embora pudessem ser lidos pelos mais velhos que saberiam contemplar a seu estilo elegante e melodioso.¹⁰⁴

As duas críticas veiculadas nas páginas do Novo Correio de Modas evidenciaram a existência de alguns critérios de avaliação de obras, como a verossimilhança, o estilo do autor e a moralidade. Segundo Valéria Augusti, esse último quesito justificava a existência do romance, orientava sua produção e também sua recepção. Desse modo, a apreciação desse gênero não decorria apenas de critérios internos à obra, já que ele não era avaliado somente pela qualidade literária e sim por sua capacidade instrutiva e moralizadora.¹⁰⁵

Considerações finais

O estudo do periódico Novo Correio de Modas trouxe algumas contribuições para a pesquisa acerca da história do livro e da leitura no Brasil. Em primeiro lugar, revelou a ampla variedade temática das narrativas que circularam em

¹⁰³ Ibidem. 2º sem. de 1853, n. 6, p. 43.

¹⁰⁴ Ibidem. 1º sem. de 1853, n. 23, p. 183.

¹⁰⁵ AUGUSTI, Valéria. “Do gosto à apreciação douda: a consagração do romance no Brasil do oitocentos.” In.: Trajetórias do Romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX. Márcia Abreu (org.). Campinas: Mercado das Letras, 2008, p. 396.

território fluminense em meados de 1850, visto que a revista contou com textos em prosa ficcional para leitores de gostos variados. Demonstrou ainda a forte presença da literatura estrangeira, sobretudo francesa, e o valor do quesito moral para a produção e a recepção literária nesse período. Ademais, corroborou a importância de se considerar aspectos materiais durante a análise, já que, como vimos, estes interferiram no conteúdo dos artigos da revista, que associava questões referentes à moda com textos sobre economia doméstica e narrativas ficcionais ao longo de suas páginas.

A pesquisa comprovou ainda a riqueza das narrativas do Novo Correio de Modas enquanto fontes sobre valores, hábitos e costumes do Rio de Janeiro Oitocentista. Conforme exposto no último capítulo, esses textos abordaram temas como o papel social reservado a cada sexo, a defesa da instituição familiar, a religiosidade da população, a incongruência entre a elite que se queria civilizada, segundo os moldes franceses, mas naturalizava as relações entre senhores e negros. A escravidão, aliás, foi polemizada apenas na seção “modas”, quando se discutiram os problemas decorrentes de se usar uma indumentária pouco adaptada às condições climáticas de países de clima tropical.

Entretanto, esse trabalho ainda não está finalizado. Nas próximas etapas a serem desenvolvidas no mestrado, pretendemos averiguar com mais profundidade a procedência das narrativas ficcionais publicadas no Novo Correio de Modas, os redatores e colaboradores desse periódico e, ainda, realizar análise semelhante, tomando como fonte a revista antecessora, o Correio das Moças, para finalmente comparar os dois periódicos. Essa pesquisa poderá trazer novas informações acerca do trabalho dos irmãos Laemmert enquanto editores de publicações literárias e, assim, lançar uma nova direção para o estudo dos donos da Typographia e da Livraria Universal.

Referências bibliográficas

ABREU, Márcia Azevedo de. Os caminhos dos livros. Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil. São Paulo: Fapesp, 2003

AUGUSTI, Valéria. “Do gosto à apreciação douta: a consagração do romance no Brasil do oitocentos.” In.: Trajetórias do Romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX. Márcia Abreu (org.). Campinas: Mercado das Letras, 2008.

CANDIDO, Antonio. A educação pela noite & outros ensaios. 3ª. Edição. São Paulo. Ática, 2003.

DONEGÁ, Ana Laura; GAIOLA, Juliana Sagradim. Prosa Ficcional e Imprensa Periódica no Rio de Janeiro Oitocentista. In: 5º. Seminário de Pesquisas da Graduação (SEPEG), Campinas, 2008.

EL FAR, Alessandra. Páginas de Sensação – literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870 – 1924). São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

FRANCHETTI, Paulo. Gonçalves de Magalhães e o Romantismo no Brasil. Revista de Letras, São Paulo, v. 46, n. 2, p. 67-77, jul/dez. 2006.

HARVEY, John. Homens de preto. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

HEINEG, Ilana. “Miméticos, aclimatados e transformadores: trajetórias do romance-folhetim em diários fluminenses.” In: Trajetórias do Romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX. Márcia Abreu (org.). Campinas: Mercado das Letras, 2008.

KIDDER, Daniel P. Reminiscências de viagens e permanências nas províncias do Sul do Brasil (Rio de Janeiro e Província de São Paulo) compreendendo Notícias históricas e geográficas do Império e das diversas províncias. Trad. de Moacir N. Vasconcelos. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1980.

LAJOLO, Marisa. Como e por que ler o romance brasileiro. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2004.

LAJOLO, Marisa, ZILBERMAN, Regina. A formação da leitura no Brasil. São Paulo: Ática, 1996.

LAVER, James. A roupa e a moda: uma história concisa. Trad.: Glória Maria de Mello Carvalho. São Paulo: Companhia das Letras, 1980.

LIMEIRA, Aline de Moraes. Práticas educativas e publicidade: a iniciativa privada no Almanak Laemmert. In: IV Congresso Brasileiro de História da Educação: a educação e seus sujeitos na História. Goiânia: IV Congresso Brasileiro de História da Educação: a educação e seus sujeitos na História, 2006.

MACHADO, Ubiratan. A vida literária no Brasil durante o romantismo. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

MEYER, Marlyse. Folhetim: uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MORAIS, Christianni Cardoso. “Posse e circulação de romances, a novela ‘Eduardo e Lucinda, ou a portuguesa infiel’ na vila oitocentista de São João del-Rei, Minas Gerais.” In: *Trajетórias do Romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Márcia Abreu (org.). Campinas: Mercado das Letras, 2008.

OLIVA, Osmar Pereira. *Literatura oitocentista montes-clarenses: escrita, memórias e leitura*. Juiz de Fora: Revista Darandina, v. 1, 2009.

PAIXÃO, Fernando (projeto e coordenação geral). *Momentos do livro no Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 1995.

PINHEIRO, Alexandra. *Para além da amenidade: o **Jornal das Famílias** (1863-1878) e sua rede de produção*. Tese de doutorado. Campinas: IEL/UNICAMP, 2006.

PINTO, Maria Cecília Queiroz de Moraes. *Alencar e a França: perfis*. São Paulo: Annablume, 1999.

QUEIROZ, Juliana Maia. *A circulação de romances nos catálogos Garnier e Laemmert*. XI Encontro Regional da ABRALIC. São Paulo, 2007.

ROCHA, Débora Cristina Bondance. *Leitores e leituras na Biblioteca Imperial e Pública do Rio de Janeiro (1833 – 1856)*. Pesquisa de Iniciação Científica que integra o projeto “Caminhos do Romance no Brasil: séculos XVIII e XIX”. Campinas, FAPESP, 2006-2007.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Hebe Cristina. “Teixeira e Souza – A trajetória de um romancista brasileiro em busca da consagração.” In: *Trajетórias do Romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Márcia Abreu (org.). Campinas: Mercado das Letras, 2008.

SILVEIRA, Daniela Magalhães. *Contos de Machado de Assis: leituras e leitores do **Jornal das Famílias***. Dissertação de mestrado. Campinas: IFCH/UNICAMP, 2005.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUZA, Gilda de Mello. *O espírito das roupas: a moda no século dezenove*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

VASCONCELOS, Sandra Guardini. *Formação do Romance Brasileiro: 1808 – 1860 (Vertentes Inglesas)*. Artigo encontrado em: www.iel.unicamp.br/memoria.

VERONA, Elisa Maria. *Da feminilidade oitocentista*. Tese (Mestrado em História)-Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita, Franca, 2007.

— Abão se á venda , na rua da Quitanda n.
77 , as afamadas e bem sortidas

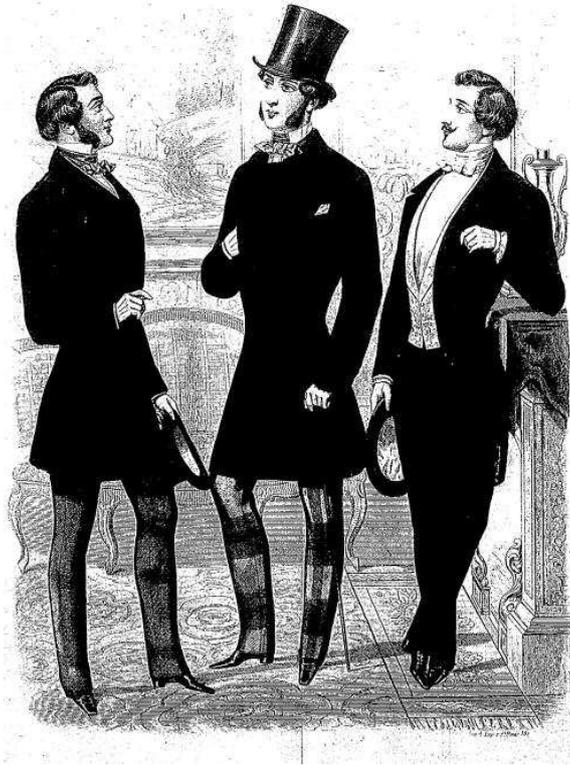
FOLHINHAS DE LAEMMERT PARA 1848 ,

ornadas com uma nova gravura em aço , repre-
sentando S. M. a Imperatriz em figura inteira ,
e contendo o anno novo , a minuciosa rela-
ção da viagem de S. M. na provincia do Rio
de Janeiro , a chronica nacional de 1846 — 1847 ,
a chronologia de 1772 — 1790 , e exactissimo
calendario com todos os seus pertences , dias
de gala , audiencias , taboas do sol e da lua ,
senadores , partida dos correios , corpo diplo-
matico e consular , genealogia dos principaes
soberanos precedida da augustissima casa im-
perial etc.

*Listas das differentes folhinhas que todas tambem
contem no principio as materias acima especi-
ficadas , a saber :*

- 1.º Folhinha Biographica da historia de Napoleão.
- 2.º Folhinha do Cupido , com o dictionario de
Bom Gosto , em verso , ou nova genuina da
linguagem das Flores , fructos , etc.
- 3.º Folhinha Dramatica , contendo a comedia o
Desertor , e o drama Lapeycrouse , para leitura e
representação.
- 4.º Folhinha de Pilherias , anedotas e casos ga-
lantes.
- 5.º Folhinha do Trovador , com um novo alma-
nak poetico.
- 6.º Folhinha do Saude , com tratado sobre o ona-
nismo , etc.
- 7.º Folhinha Romantica , com romances e no-
vellas.
- 8.º Folhinha com a Historia do Brazil.
- 9.º Folhinha Lusitana. 10. Das Damas. 11. Do So-
gredo. 12. Historica. 13. Constitucional. 14.
Judiciaria. 15. De Justiça. 16. Do Sabio. 17.
De Historia natural. 18. Das Flores. 19. Dos
Sonhos. 20. De Jogos.

A reputação quo com a experiençia de nove an-
nos adquirirão nessas variadas folhinhas nos forra-
o trabalho de as recomendar. Qualquer porção
vae sortida das differentes qualidades acima re-
latadas , e acompanhada de um vistoso cartaz.
Cada folhinha custa 280 rs. ; a quem levar porção
far-se ha um abatimento.



Anexo 2 – Modelo de vestuário masculino extraído do Journal de Tailleurs
Fonte: Novo Correio de Modas, 1º. sem. de 1853, n. 23, p. 185



Anexo 3 – Modelo de vestuário feminino
Fonte: Novo Correio de Modas, 1º. sem. de 1853, n. 26, p. 209

I.
Ora vejão, que prodígio!...
Somente de uma palavra,
Fazer tantas quadrinhas...
Como a rima agora lavra!!...

II.
Chamo a isto – Logogrypho,
(E não sei se com razão :)
Cabe agora aos jubilados
Mostrar-lhe a decifração

III.
Entro em materia: – A primeira
Não passa de um appellido
Por isso não deve ser
Entre nós desconhecido

IV.
A primeira e a segunda
Procura na Santa Historia:
É nomezinho bonito,
E bem digno de memoria

V.
A primeira e a terceira,
Demonstrão, e com verdade,
O nome de uma Rainha,
Já de bem remota idade.

VI.
Se dobrares a segunda,
Não terás cousa vulgar:
– A este respeito, creio
Não dever mais explicar.

VII.
Se fazes o mesmo a terceira,
Busca no velho ou menino:
Não é cousa de agradar,
Nem do que tem muito tino.

VIII.
Dobra a quarta; é elemento,
Em indigena linguagem:
Muitos povos lhe rendião
Honra, preto e vassallagem.

IX.
Se a um superior ouvires
A quarta pronunciar,
Será bom não proseguir,
Sem o caso examinar.

X.
Se ligas a quinta á quarta,
É de certo a melhor parte
D'um liquido, d'um terreno,
Se preparados com arte.

XI.
Quarta e terceira designão
A Tamoya habitação:
(Talvez lhe desse outro nome
Igual povo, seu irmão).

XII.
A quarta unida á segunda,
Serve a quem quer tudo exacto:
É nome muito vulgar
No commerciante trato.

XIII.
Procura fora da barra
A segunda e a primeira;
Nos cartorios não a lembres
Porqu' então terás canseiras.

XIV.
Terceira, segunda e quarta,
Formão muito feio insecto.
Que é sempre detestado,
Por seu cheiro tão infecto.

XV.
Segunda e quarta somente,
Formão um certo bichinho,
Que, além da reproducção,
Não deixa de ser damninho.

XVI.
Terceira e quarta (não
garanto);
Dizem ser talar vestido,
Ou qualquer outro malfeito,
A que dão este appellido.

XVII.
A primeira, quarta e quinta,
Se um – Z – lhe
acrescentares,
É um Ser, a quem costumão
Attribuir só azares.

XVIII.
Tod'esta moxinifada,
(Se tal nome pode dar-se.)
É da voz um instrumento;
Eu o digo sem disfarce.

XIX.
Não o encontrará na musica,
Posso affirmar, com razão
Se o duidares, pergunta
A qualquer bom capitão.

XX.
Mas, do que for atilado,
E a palavra decifrar,
O bom CORREIO DE
MODAS
Ha de o nome publicar.

M. A. Ferreira da Silva

Anexo 4 – Logogrifo de Ferreira da Silva

Fonte: Novo Correio de Modas, 1º sem. de 1852, n. 21, p. 167-168

Resposta apresentada no número seguinte: SARABATAN

Não encontra a natureza
Lenitivo a minha dor:
Seja benevola a morte
Acabando tal rigor.

Oh que engano! oh que loucura!
Ninguém vê o que está vendo,
Que tudo que vai nascendo
Acaba na sepultura!
Nasce a flôr, e pouco dura;
Desmaia em breve a belleza;
Torna-se o prazer tristeza;
Em pezar o que é jocundo.
Cousa que dure no mundo,
Não encontra a natureza.

Sonoro, alado habitante,
Que em suave melodia,
Vais a terna sympathia
Despertar em peito amante,
Oh! foge! foge incessante!
De tyranno caçador:
Pois fugindo ao seu furor;
Diminues o meu pezar;
Tornando co'o canta a dar

Lenitivo a minha dôr.

Mas ah! que em balde desejo
Treguas a magoa dar,
Pois que de a minorar
Nenhuma esperança vejo.
Nesta conjunctura elejo
Ceder ao rigor da sorte.
Té que a Parca fatal córte
Tal flagello, tanta lida,
E em acabar-me a vida,
Seja benevola a morte.

Que importa ledo vencer?
Já não achar quem resista
Se vai a mesma conquista
O que vence empobrecer?
Não vale mais o reger
O seu povo com amor?
Dar a terra habitador?
Como já o fez e quiz
Lusitano D. Diniz,
Acabando tal rigor.

N.***

1

1

2

Anexo 5– Charada

Fonte: Novo Correio de Modas, 1852, 1º sem, n. 9, p. 72

Resposta apresentada no número seguinte: POVOADOR

És do dia annunciante
Seu mensageiro risonho;
Calcas a noite brilhante
Rasgas-lhe o manto enfadonho. 2

Supprime ás vezes
Repetição,
Sempre indicando
A supressão 1

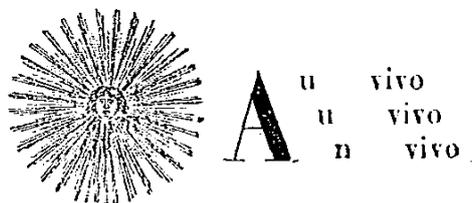
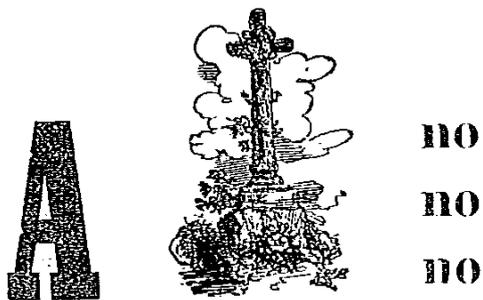
CONCEITO
Tem-me o commercio
Em suas fileiras,
Sou como ele
De mil maneiras.

Sou cambio ou troca
Commutação;
Sou finalmente permutação.

Anexo 6– Charada de Leonel de Alencar

Fonte: Novo Correio de Modas, 1852, 1º. Semestre, n. 14, p. 112

Resposta apresentada no número seguinte: ALBORQUE



Anexo 7 – Enigma pitoresco

Fonte: Novo Correio de Modas, 1854, 1º sem, n. 3 p. 24

Resposta apresentada no número seguinte: A CRUZ NO CEMITÉRIO CONSOLA OS VIVOS